

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: Prof. Dr. CLÓVIS CUNHA DA GAMA MALCHER

COLEÇÃO AMAZÔNICA

Direção do Prof. ARTHUR CÉSAR FERREIRA REIS

SÉRIE FARIAS BRITO

Coordenação do Prof. BENEDITO NUNES

Título da obra:

DIÁLOGOS DE PLATÃO

Tradução de CARLOS ALBERTO NUNES

PLATÃO

DIÁLOGOS

VOL. V

FEDRO - CARTAS
O PRIMEIRO ALCIBÍADES

Tradução de

CARLOS ALBERTO NUNES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

1975

lia. Decerto não desconheces o nome de Cebete; ocorre nos Diálogos socráticos, ao lado de Símias, e discute com Sócrates no Diálogo sobre a Alma; é sujeito de boa índole e muito nosso amigo.

b Quanto ao distintivo que ponho em minhas cartas, para diferençá-las das que o não são, penso que ainda não o esqueceste. Todavia, será bom voltares a pensar nisso, com a máxima atenção, pois muita gente quer corresponder-se comigo, sem que me seja fácil recusar-lhes abertamente o que me pedem. Minhas cartas sérias principiam sempre por Deus; as que o são menos, por Os deuses.

Os embaixadores me pediram também que te escrevesse, o que é razoável; em toda a parte, não se cansam de elogiar-te e a mim, especialmente Fílagro, que naquele tempo sofria de uma das mãos;
c Filedes, que acaba de chegar do Grande Rei, também me falou de ti. Se esta carta já não estivesse tão longa, eu te contaria o que ele disse. Informa-te com Léptines.

Se enviares a couraça ou qualquer dos artigos a que me referi, confia-os a quem quiseres; se não tiveres portador, entrega-os a Terilo; é desses indivíduos que não se cansam de viajar, grande amigo nosso e entendido em muitas coisas, especialmente em filosofia. É genro de Tisão, que por ocasião do meu embarque exercia o cargo de edil.

Passa bem; cultiva a filosofia e concita os ra-
d pazes a fazer o mesmo; saúda em meu nome teus companheiros de jogo de bola, e recomenda a todos, principalmente a Aristócrito, que se chegar para ti alguma palavra ou carta, procurem informar-te logo logo e lembrar-te da necessidade de cuidares das minhas encomendas. E agora, não te esqueças de pagar a Léptines, o mais cedo possível, o que lhe deves, para que, à vista desse exemplo, outros se disponham também a servir-nos.

e Látrocles, que eu libertei já faz tempo, logo depois de Mirômides, está em caminho com os artigos que te enviei. Toma-o a teu serviço, e emprega-o no que quiseres. Guarda esta carta — o original ou uma cópia — e continua sendo o que és.

O PRIMEIRO ALCIBÍADES

Havendo Platão fundado a Academia em 387, aos quarenta anos de sua idade, quando o seu nome já se impusera em todo o mundo helênico, na linha dos escritores de orientação política que se batiam em prol da reabilitação da memória de Sócrates, seria de esperar que a biblioteca daquele Instituto Superior de Ensino fosse bem organizada, e que nas suas prateleiras pejadas de manuscritos se destacassem, na estante de mais fácil acesso, as obras do Escolarca. E mais: que não teria havido desacordo sobre a autenticidade de determinados livros ali catalogados — tão fácil era a identificação de todos pelo organizador da coleção! — não apenas entre os auxiliares efetivos do Instituto, como entre os sábios itinerantes e de passagem por Atenas que ali fizessem conferências. Máxime se considerarmos que, em decorrência de sua própria feitura, constituíam os Diálogos a alavanca primordial do ensino das disciplinas de predileção do fundador: política, educação e filosofia e, nesta, de modo geral, a teoria do conhecimento. Nem mesmo como hipótese de trabalho poderia admitir-se que o predomínio do ensino oral, a que Platão sempre deu irrestrita preferência, com parcial e condenável menosprezo da palavra escrita, levasse o autor a descuidar-se de seus próprios manuscritos e não zelasse por sua conservação, expondo, assim, a se perderem os originais dali retirados, digamos, pelos alunos interessados em sua leitura mais demorada, como hoje fazemos com os livros das bibliotecas circulantes, para com eles obter cópias autênticas.

Falamos em tese, pois é sabido como era intensa naquela época, e por muito tempo ainda, a atividade dos "editores" ou copistas profissionais, destacando-se Atenas neste particular das demais cidades da comunidade helênica, como centro de grande atividade, assim na qualidade como na quantidade das obras

lançadas no mercado de livros. Decorridos trezentos anos, o romano Ático para ali se exilou voluntariamente, por amor ao estudo e para fugir da política de sua terra, e naquela capital espiritual do mundo antigo passou a operar como editor dos livros do seu amigo Cícero, em latim, e fornecedor de obras raras dos escritores gregos, graças ao corpo de operários especializados, por ele pagos e que trabalhavam sob sua direção.

Seja como for, só podemos ser agradecidos à divindade que presidiu ao destino ulterior dos manuscritos de Platão, fosse ela o Acaso, de tão difícil conceituação filosófica, ou mesmo a própria Sorte, bem disposta, sempre, para a Europa, no que diz respeito à sobrevivência da sua cultura incipiente naquela fase perigosa de crescimento. O certo é que de Platão se salvaram todos os escritos reconhecidamente seus, e mais alguns títulos de procedência duvidosa com que desde a antiguidade se tem ocupado a crítica abelhuda. Todavia, não será fora de propósito formular, nesta altura, ligeiras considerações que visem a esclarecer algumas dúvidas.

Inicialmente, insistamos no fato de que a fundação da Academia — depositária tradicional dos manuscritos de Platão — não coincide com o início de suas atividades literárias e pedagógicas. Muito antes daquela data começara Platão a congregar à sua volta os jovens da nobreza ateniense, incentivando neles aquele pendor para o estudo da filosofia que tão prejudicial se afigurava a Cálicles na educação dos moços, por desviá-los das práticas do bem-falar do Forum e das assembléias populares. Se não bastassem as farpas desse representante típico do homem-forte, com o intuito de ridicularizar o vício de "Sócrates", de viver e cochichar nos cantos com três ou quatro jovens — os primeiros discípulos de Platão, já que o verdadeiro Sócrates, de carne e osso, protestou até à morte que nunca fizera discípulos nem ensinara coisa alguma — o testemunho insuspeito e, sobretudo, inesperado do próprio Platão, na Carta segunda, nos transporta para esse alvor tão procurado, de suas atividades, mas que não se deixava localizar com precisão. É na passagem em que Platão conversa com Dionísio, o Moço, de Siracusa, antes da ruptura definitiva entre eles, e o concita a perseverar no estudo dos problemas magnos da filosofia, sem desânimo nem vacilações, ainda mesmo que não conseguisse apreender, assim de pronto, o sentido das questões apresentadas.

Com todo o mundo acontecia a mesma coisa. Só à força de repetir os temas e de constantemente ouvi-los durante anos seguidos e com trabalho insano é que chegaremos a purificá-los, como fazemos com o ouro. Até nas cartas, a linguagem de Platão é imaginosa. Mas, com o tempo, continua, o que hoje se afigura impenetrável tornar-se-á transparente e de fácil compreensão. Exemplos não faltavam. É nessa altura que se insere o trecho de ouro que nos revelará quanto eram em Platão inseparáveis as atividades literárias — digamos: filosófico-pedagógicas — e o gosto do proselitismo, essa constante que se afirmaria durante toda a vida do Poeta-pensador.

"Agora escuta o que em tudo isso é de admirar. Há certos homens, em grande número, aliás, que aprenderam comigo essas noções; indivíduos dotados de compreensão, boa retentiva, e capazes, até, de criticá-las a fundo; de idade provecta todos eles e que, *haverá pelo menos trinta anos*, ouviram falar nisso" (*Cartas*, 314 a b).

Para nosso intento, não consistirá violência interromper nesta altura a citação, sem dizer como aqueles amantes da sabedoria fizeram, sem dar por isso, com o passar dos anos uma reviravolta na confrontação com tais problemas: o que então lhes parecia obscuro tornara-se claro como água; e o inverso: impenetráveis e de todo o modo inapreensíveis o que na mocidade se lhes afigurava muito fácil. O que importa, antes de mais nada, é fixar a data. Sendo essa carta, com toda a probabilidade, de 364, escrita logo depois de voltar Platão de Siracusa, quando da sua primeira visita a Dionísio II, transporta-nos aquela citação para o ano 394, ou sejam, sete anos após o julgamento de Sócrates. Até mesmo sem nos aproveitarmos da elasticidade da expressão "haverá pelo menos trinta anos," o que nos permitiria recuar honestamente de alguns pontos, no passado, o nosso farolim, para dissipar as trevas ali acumuladas pelo tempo, é-nos grato surpreender os colóquios quase clandestinos de alguns rapazes em Mégara, e incidentalmente em Atenas, em que, sob a direção indiscutida do moço Aristocles adquiriram forma literária os primeiros frutos da herança filosófica de Sócrates.

Até na adopção da máscara de Sócrates, com apagar seu nome de tudo o que lhe fluía da pena — ou do estilete — andou Platão com acerto. Compreendeu, de início, quanto lucravam suas idéias com serem expostas pela imagem transfigurada de Sócrates, o que lhes asseguraria duração sempiterna, por isso mesmo que soariam aos ouvidos dos pósteros como mensagem emanada da própria essência do homem, sem os entraves condicionados pelas contingências individuais.

As doutrinas dos filósofos jônios poderão passar, com toda a brilhantez das descrições da Physis, o mundo material; os ensinamentos dos sofistas — mera agitação de superfície — não irão além da sua própria geração, apagando-se, porventura, mais rapidamente, ainda, do que as estrepitosas ovações de que foram alvo, de abalar as colunas do Liceu, por ocasião das conferências. Mas, as palavras de Sócrates alcançariam ressonância

universal, como de fato alcançaram e o certificam dois milênios de fecunda e decisiva atuação na cultura da Europa. Hoje diríamos: do Ocidente.

Evidentemente, nada nos conservou a tradição sobre as perdas ou desvios de livros da biblioteca da Academia depois da morte do Filósofo, nem sobre a autenticidade dos originais ali guardados desde a sua fundação. Em todos os tempos não são os autores de livros os mais exigentes colecionadores de seus próprios manuscritos; muito menos, dos livros impressos. Antes de ter a Academia sede própria, as mudanças de domicílio e as viagens de longo curso contribuiriam para desfalcar o acervo daqueles manuscritos ou para dispersar publicações recentes, à medida que a variedade de temas para discussões em classe afastava do círculo de interesses do autor determinados Diálogos, já comentados de sobejo, para serem discutidos novos temas ou reformuladas em bases diferentes questões já debatidas: Se a virtude pode ser ensinada, a fundamentação filosófica da pólis, ou a apologia de Eros e do valor da Mania das Musas para a filosofia e a poesia...

Mas, voltando para o nosso tema; mesmo que admitamos, por hipótese, que chegara à quase perfeição a catalogação das obras de Platão pelos biblioteconomistas da Academia, muito deixaria a desejar esse serviço após a morte do Filósofo, quando o seu sobrinho Espeusipo assumiu a direção do Estabelecimento — de 343 a 339 — e, depois dele, muitos: Xenócrates da Calcedônia — de 339 a 314, seguido imediatamente de Polemão, que ele próprio convertera para a Filosofia, a darmos crédito à bela anedota de Eliano: Havendo Polemão entrado abruptamente numa sala de aulas da Academia quando Xenócrates falava, tal como se apresentou Alcibíades no *Banquete* de Platão: ébrio e coroado de flores, não interrompeu Xenócrates a lição, pois dissertava, precisamente, a respeito da intemperança e da sua ação devastadora para os homens, continuando a dirigir-se aos alunos presentes como se aquele intruso ali não se encontrasse. Meio confuso no começo, tão abalado ficou o visitante com o sermão do professor, que na mesma hora firmou o propósito de regenerar-se e se matriculou na Academia, na qualidade de ouvinte de Xenócrates e discípulo dedicado, até vir a sucedê-lo na direção da casa.

Com Filipe de Opúncia aviva-se nosso interesse para esta relação de nomes, por ter sido ele o autor de *Epínomis*, excluído hoje, por quase unanimidade, da relação platoniana, como apêndice a *Leis*, o derradeiro Diálogo de Platão, cujos originais o próprio Filipe revira e publicara em primeira edição.

Não admira, assim, que, um século depois, o catálogo das obras de Platão organizado pelos Alexandrinos — merecedores de todo o nosso apreço, pelo muito que realizaram no domínio da crítica literária, máxime na fixação do texto oficial de Homero — acusasse algumas falsificações. É o Corpus platonicum que chegou até nós através de vicissitudes que não importa esmiuçar. Para o restaurador moderno desse texto, vários são os critérios a adotar, a fim de desembaraçar a meada inextricável, com o propósito de confirmar a autoria de Platão com respeito aos títulos conhecidos, o que se consegue na grande maioria dos casos — dezenove vigésimos, conforme a estimativa mais aceita — ou para rejeitar os escritos que lhe foram falsamente atribuídos.

Não apenas como indício, senão como prova de certeza, é aceita a autoridade de Aristóteles nas suas referências a Platão. Infelizmente, esse testemunho não se estende a todos os Diálogos, havendo, mesmo, transcrições de trechos ou de simples frases sem nenhuma conotação da fonte originária, mas que os comentadores se permitem identificar. O assunto já foi bem estudado.

Tomando como guia o prestimoso Ueberweg — nona edição, revista por Max Heinze, de 1903, porém nada envelhecida nesse particular — teremos as seguintes possibilidades para nos decidirmos sobre a autenticidade ou não dos referidos escritos: a) Apenas três Diálogos são citados com a indicação dos títulos e do nome do autor. São eles: *República*, *Timeu* e *Leis*. b) Ao depois, somente o título, sem designação do autor, porém com alusões à verdadeira procedência: *Fedão*, *O Banquete* — título alterado para "Discursos Amatórios" — *Fedro* e *Górgias*. c) Apenas o título, porém sem relação indubitável com a pessoa de Platão: *Menão*, *Hípias* — e devemos entender que se trata de *O Pequeno Hípias* — e *Menéxeno* — referido como "Oração fúnebre." d) Com o nome de Platão, porém sem nenhuma alusão à fonte, cita Aristóteles passagens de *Teeteto* e do *Filebo*, e frases do diálogo *Sofista*. e) Sem indicação nem nome do autor nem dos Diálogos, parece que Aristóteles alude aqui e ali a determinadas passagens do *Político*, da *Apologia*, de *Líside*, de *Laquete*, talvez de *Protágoras* e possivelmente de *Eutidemo* e do *Crátilo*. Vinte, ao todo.

É dos mesmos autores — Ueberweg-Heinze — a condenação sumária, sem especificação de nomes, de certa crítica do século passado, de visão curta e deturpada (in übertriebener kurzsichtiger Kritik), já agora inteiramente superada. Mas, como simples ilustração do mesmo tema, mencionemos apenas o caso de Schaarschmidt, cuja obra, de título quilométrico, *Die Sammlung*

der platonischen Schriften, zur Scheidung der echten von den unechten untersucht, é de 1866. Para esse autor, somente nove Diálogos devem ser aceitos como autênticos: *Protágoras, Górgias, Teeteto, Fedro, O Banquete, Fedão, A República, Timeu* e *Leis*. O exagero é patente, não valendo como atenuante o fato incontestável de abrangerem esses nove títulos o que de mais belo e valioso nos foi legado pela pena de Platão, e perfazerem, em conjunto dois terços dos escritos componentes do Corpus platonicum tradicional. A crítica que nega autenticidade a Diálogos como *O Político, O Sofista, Filebo, Parmênides, A Apologia* e a tantos outros, não pode ser tomada em consideração. Nem fora possível a nenhum estudioso dos nossos dias compreender Platão, isto é, formar para uso próprio uma síntese destilada daqueles nove escritos — em que pese à excelência de todos eles — se fizer tábula rasa das duas dezenas de Diálogos rejeitados.

Um retrato de Platão em que não entrassem os Diálogos da primeira fase, com o perfil de Sócrates como ele o concebia, transfigurado pela imaginação do Poeta, e tão fiel quanto possível ao original do indivíduo Sócrates que se comprazia em conversar de sol a sol com os atenienses de todas as camadas, na Praça do Mercado e junto das bancas dos cambistas, não seria apenas um retrato inexpressivo, senão mesmo de todo em todo falso. É impossível avaliar a originalidade do pensamento de Platão só com o estudo dos Diálogos denominados da velhice, nos quais Sócrates se contenta com o papel de mero espectador, quando não chega a desaparecer de todo, se primeiro não explicarmos a razão de ser da dedicação de um moço ateniense de tradição aristocrática, aos ensinamentos de um filósofo saído da classe dos *banáusoi*, dos trabalhadores braçais, e sem nenhum atrativo pessoal, se não fosse apenas o dom irresistível da palavra, mas que timbrou em apagar-se diante do seu ídolo e a riscar o próprio nome de tudo o que escrevia para exaltar a figura inimitável daquele excêntrico pensador.

A leitura, ou melhor, o estudo de todos esses escritos é imprescindível para quem quiser conhecer, de fato, o pensamento de Platão. Daí, a necessidade de nos enfronharmos em todos os escritos da primeira fase e em muitos da maturidade, que Schaarschmidt e outros atiraram, com uma penada, para a cesta de papéis inúteis. Espúrios, é natural que haja, e precisarão ser apontados; porém sem essas mostras de barbarismo.

Afinal, a depuração reduz-se a poucos escritos de importância secundária, secundaríssima, sendo que muitos já chegaram até nós com o diploma de bastardia assinado pelos primeiros diretores da Casa de Platão. Nesse particular, ainda são

válidas as conclusões de Jowett, ao dar o balanço final dessa questão, nos comentários do primeiro Apêndice da sua tradução dos Diálogos, quando trata desses títulos duvidosos. Somente escritos de pequenas dimensões são passíveis de suspeição de fraude ou de receberem designação ilícita, com serem atribuídos a um falso dono, nunca os de maiores proporções. Certas espécies de trabalhos prestam-se mais do que outros a tais contrafações: epístolas e panegíricos, composições sofisticadas ou falsamente arcaizantes, e, ainda, alguns escritos que por sua própria estrutura traem a condição original de exercícios de retórica. E mais: não há um único exemplo de escritos longos e de bom acabamento que houvesse sido posteriormente desclassificado, para se revelarem como embuste de algum espertalhão. Nenhum escritor de mérito tinha interesse em atribuir a Platão algum dos seus trabalhos. E, quanto aos assalariados das letras floridas, de Alexandria ou de Atenas, sempre muito intrometidos... Os deuses jamais conferiram gênio nem originalidade a gente dessa espécie.

Além do mais, o gênero "diálogos" não é privativo de Platão, que talvez mesmo não tenha sido o criador dos Diálogos socráticos, senão o seu ilustrador mais brilhante. Ao lado dele e depois dele muitos o fizeram: Ésquines, Euclides, Fedão, Antístenes e, na geração seguinte, o grande Aristóteles. Compreende-se, assim, que, com o passar dos anos, fosse fácil a confusão, numa época em que os livros editados não traziam obrigatoriamente o título na lombada nem o nome do autor e a data. Mesmo porque os rolos de papiro não comportavam lombada. Nesse ponto, os historiadores asseguraram sabiamente os seus direitos, com declararem, de início, o nome próprio e o lugar do nascimento:

O ateniense Tucídides escreveu a guerra que travaram entre si os atenienses e os peloponésios...

E carecendo todos eles de qualquer noção do que hoje denominamos direitos autorais, os copistas com sede de maiores lucros podiam lançar na praça os livros que entendessem. As obras de autores conhecidos do passado recente alcançavam bom preço no mercado, e se havia vantagem em atribuir a outrem qualquer trabalho espúrio, não constituía obstáculo de monta a semelhança ou identidade de título com os das obras tradicionais. Para contornar semelhante escolho, havia o recurso das distinções no próprio título: "Hípias maior," para diferençá-lo do "menor," ou vice-versa; ou "O Primeiro Alcibíades" e o "segundo" ou quantos mais aparecessem. Neste particular, certos tipos históricos exerciam atração especial sobre os escritores de Diálogos, que não se corriam de batizá-

-los sempre do mesmo modo. Sem falarmos de Sócrates, que deu origem a enorme literatura, chegou até nós a notícia de cinco ou seis diálogos diferentes com o nome do formoso Alcibíades. Essa particularidade, só por si, bastaria de sobejo para pôr de quarentena os dois Diálogos de igual nome incluídos nas obras de Platão, e também pelo fato de nenhum desses bonifrates suportar confronto com o Alcibíades a que fomos apresentados no Banquete de Agatão e outros pândegos — e não nos esqueçamos do indefectível Aristófanes — no dia sèguinte ao do prêmio ganho por ele com a sua primeira tragédia, diante de trinta mil espectadores.

— Onde tens a cabeça, Glauco? Pois não sabes que há muitos anos Agatão não vem a Atenas, e que, da minha parte, ainda não se passaram três anos, desde que freqüento a companhia de Sócrates e me esforço por saber, dia por dia, o que ele conversa ou faz?

Aí é que bate o ponto, por parecer, à primeira vista que, depois de escrever *O Banquete* e de apresentar-nos Alcibíades de corpo inteiro na porção final desse Diálogo, com aquela espontaneidade no elogio de Sócrates que toca às raias da inconveniência, porque fruto de bebedeira engraçadíssima, se dispusesse Platão a rabiscar umas baboseiras sobre o mesmo Alcibíades, dignas apenas de algum aprendiz da difícil arte de escrever, sem originalidade nem promessa de vir algum dia a dominar a técnica. Nem literária nem filosoficamente a leitura desse Diálogo nos adianta um ponto, ao menos, para melhor compreendermos o pensamento de Platão, se o não fizer apenas com o fato de fortalecer em nosso íntimo a convicção da sua origem duvidosa. Mas, o que em tudo isso admira é o comportamento dos pósteros com relação a tais escritos e a diversidade de opinião no ajuizar do valor intrínseco de cada unidade em separado. Poucos foram os títulos sumariamente eliminados pelo juízo tácito da posteridade; a respeito da maior parte até hoje digladiam os entendidos, desde os neoplatônicos, com Proclo à frente e o seu comentário do *Primeiro Alcibíades*, até os mais acatados platonistas do presente século. É uma questão insolúvel, sendo inútil e até pueril pensarmos agora em resolvê-la pela contagem de votos. Sem falar que "Sócrates" seria o primeiro a troçar do nenhum valor desse argumento democrático, é certeza que, para cada autoridade que um dos grupos apresentasse, apareceriam duas outras não menos decididas nos arraiais da oposição. Paul Friedländer, Croiset, Stefanini — a nacionalidade não importa; o que conta é o nome consagrado dos batalhadores — são acérrimos defensores da causa da legitimidade, em oposição a nomes de brilho não

menor na cintilante galáxia de platonistas deste século. O critério da recentidade — *vient de paraître!* — para nos resguardarmos com a opinião dos mais novos comentaristas, também não oferece segurança. Nunca se pode saber quem dirá a última palavra; nesse terreno, como em tudo o mais, o pêndulo da diatética não pára de oscilar, levando cada comentador a contestar a tese do seu antecessor imediato, com argumentos cortantes e, para tudo dizer, definitivos, o que parece ser a única maneira de mostrar-se original e de provar independência no domínio das idéias. Que é o mais prezado título para os estudiosos da filosofia. E o mais difícil de alcançar.

Nesta altura vai bem uma explicação. Não creia o leitor amável, que no calor da discussão de tais problemas me tenham escapado da pena, sem o querer, expressões incompatíveis com a elevação do assunto e o respeito que devemos a nós próprios nas refertas desse tipo, em que está em jogo o nome e a glória do maior pensador — de um dos maiores, tanto faz — de todos os tempos. Nesse ponto a nossa herança portuguesa, de aquém e de além-mar, com polemistas que só desciam à liça em mangas de camisa — um Camilo ou um Teófilo, um Sílvio Romero ou o Tobias — poderia aprestar-nos alguma maroteira, contra o que nunca serão excessivas as precauções tomadas.

Porém o certo é que, neste terreno, aqui e em toda a parte, se as discussões não se travam com pancadaria, também não se destravam com frases cor-de-rosa. Quando nada, sempre que importa contestar a autenticidade de algum desses escritos atribuídos a Platão, não se correm os expositores de mudar de tom e de apostrofar com veemência a petulância daquele intrometido, como se o fizessem com a certeza de serem ouvidos ou lidos por ele mesmo e todo o bando de sua claque literária, em Alexandria ou em Atenas. Parece mesmo que não é possível entrar na apreciação de tais assuntos sem nos sentirmos afogueados e algum tanto trêmulos, em virtude do aumento de adrenalina no meio circulante.

Para citar apenas um platonista qualificado, Hermann Gauss não usa meias-tintas para rejeitar *O Primeiro Alcibíades*, com a perspectiva que lhe faculta no terreno da filosofia o seu grande saber. Não lhe bastou mostrar — e até mesmo demonstrar — a superficialidade da conversa de Alcibíades, o tom anti-socrático de certos argumentos, o elogio que Sócrates faz de si mesmo e que só ficaria bem na boca de um Protágoras — "Ó caro filho de Clínias e de Dinômaque, é que sem a minha colaboração não te será possível levar a bom termo todos esses projetos, tão grande é a influência que eu presumo ter sobre ti e tudo o que te diz respeito..." — as expressões tiradas do *Górgias*

ou da *República*, posteriores, por conseguinte, à época em que o autor pretendia localizar a feitura do Diálogo, e, sobretudo, o entusiasmo tão primitivo com que essa contrafação de Sócrates se refere ao luxo da corte do Grande Rei, aos latifúndios dos lacedomônios e à colossal quantidade de ouro que estes teriam conseguido acumular no decurso da sua história, diante da qual se sente envergonhada a pequenina Atenas: tudo é a tal ponto revelador do espírito anti-socrático do seu autor, com essa apologia das conquistas materiais e da riqueza, que nem com a maior boa-vontade poderemos atribuir esse Diálogo a Platão.

"Voltemos — continua Gauss — à crítica anterior do texto, por mais razoável, e releguemos *O Primeiro Alcibíades* para o lugar que, por direito, lhe pertence: qualquer Instituto-para-a-manipulação-de-produtos-falsificados, do comecinho da época helenística" — in einer frü-hellenistischen Falsifikationsproduktionsanstalt —. (Quando nada, para o leitor brasileiro servirá a citação como exemplo humorístico da capacidade da língua alemã de compor longos vocábulos por justaposição, o que lhe permite dizer com duas palavras a mesma coisa que nós dizemos com doze.)

"Baiúca" helenística ("Garküche" — as aspas são do Autor) para a falsificação de obras literárias, é outra expressão de Gauss, com referência ao diálogo *Hípias Maior*, folgando o autor em aduzir a opinião de Gigon (*Sokrates*, p. 264) acerca desse mesmo Diálogo e redigida, aliás, em termos comedidos: "Por isso mesmo, é-nos grato citar a nosso favor a reconhecida autoridade de Gigon no terreno da Filologia, o qual se manifesta deste modo com relação ao *Hípias Maior:* Com absoluta certeza, esse Diálogo não pertence a Platão, e que, tal como se deu com *O Primeiro Alcibíades*, foi confeccionado desajeitadamente com material heterogêneo de vária procedência, em época pouco posterior ao período clássico."

Como não poderia deixar de ser, no tribunal da crítica literária na maioria dos casos a sentença se baseia num critério subjetivo decorrente do contraste entre as impressões que nos ficam de determinada leitura e a imagem que formamos de Platão depois do estudo dos seus escritos. Quando se nos deparam, num determinado Diálogo "philosophúmena", ou, digamos, visões ou temas filosóficos de diferentes fases da vida literária do Autor, dispostos uns ao lado dos outros sem nenhuma relação orgânica, ou lançados ao acaso no decurso da composição, podemos concluir, sem medo de errar, que se trata de alguma obra de carregação e de fabricação tardia, que deve ser sumariamente rejeitada.

Nessa apuração de votos tão acalorada, a favor ou contra a autenticidade de alguns escritos atribuídos a Platão, quem menos se exaltaria, e talvez mesmo nem tomasse conhecimento do assunto, seria o próprio Platão, com a placidez que o caracterizava na contemplação das coisas e, no mundo dos livros, por dar importância quase nula à palavra escrita. Em vários Diálogos e nas Cartas, como já vimos, não se cansou de insistir no valor do ensino oral, quando a palavra viva semeia a boa semente na alma do discípulo de natureza nobre, por não confiar no recurso duvidoso do papel para reforço da memória.

"Depois de lerem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido, considerar-se-ão ultra-sábios, quando, na grande maioria, não passam de ignorantes, não sábios de verdade."

Essa postura tranqüila, que, de nenhum modo, significa alheamento, senão apenas completo domínio de si próprio diante do espetáculo da vida, e que tão bem se reflete no busto de Silânio, não escapou aos poetas cômicos, com suas referências maldosas aos tipos que, de uma maneira ou de outra, se diferençavam da plebe indistinta de Atenas. E, como de hábito, e até por injunções do ofício, com traços caricaturais. Sócrates que o diga, com as deturpações das *Nuvens* de Aristófanes, que tanto influíram para o desfecho fatal do seu processo.

Sem confundi-lo com os sofistas da época, de fama pouco lisonjeira, e até mesmo sem qualquer referência a seus ensinamentos, o poeta cômico Anfíside zomba do seu jeito calmo de apresentar-se em público, nada expansivo nem risonho, e que o palhaço da platéia interpretava como sinais de atrabile de um severo censor dos homens e do mundo em universal.

> Tal qual um caracol, Platão, passeias
> de rosto carrancudo, contemplando
> por onde vais o mundo feio e triste,
> tal qual um caracol.

É passagem da comédia *Dexidêmide*, tal como Diógenes Laércio no-la transmitiu na *Vida de Platão.*

Infinitamente mais valiosa, como flagrante de Platão no convívio com os homens, fora da Academia e esquecido, por assim dizer, de aulas e demais obrigações do ensino, é a encantadora anedota que nos conta Eliano (*Varia Historia* IV, 9), que ficara despercebida pelos estudiosos do nosso tempo e para a qual chamou a atenção Constantino Ritter na sua obra maior sobre Platão (*Platon*, I, 173) (Citado por Ottomar Wichmann: *Platon, ideelle Gesamtdarstellung und Studienwerke,* p. 580. Darmstadt, 1966).

Numa de suas temporadas em Olímpia, por ocasião dos jogos, Platão tornou-se amigo de dois companheiros casuais de barraca, no acampamento improvisado, porém sem identificar-se como professor disto ou daquilo, ou, digamos, sem apresentar os seus títulos "acadêmicos;" era um simples particular e, como todos, interessado apenas em acompanhar as emocionantes fases das competições em curso. Provavelmente, com suas preferências bem definidas e, melhor ainda, defendidas.

Deixo ao cargo da imaginação do leitor evocar as conversas animadas dos novos conhecidos, sobre os mais variados temas, por ocasião dos jogos, com as indefectíveis "torcidas," ou noutras oportunidades, em passeios pelos arrabaldes, nos locais de refeição e até mesmo no próprio acampamento durante as horas de descanso. Limitar-me-ei a lembrar a passagem da Carta sétima, muito nossa conhecida, em que ele conta como, de uma feita, ali mesmo em Olímpia, discutira acaloradamente com Dião e outros exilados políticos da Sicília, sobre a delicadeza da sua situação com referência a Dionísio, para concluir pela impossibilidade de aderir à conspiração que eles tramavam para depor o Tirano. Aceitaria de bom grado o papel de apaziguador entre os dois partidos irredutíveis. Quanto a seus amigos particulares, pertencentes ou não à Academia, deixava-os com inteira liberdade para se decidirem conforme melhor lhes parecesse. Já não estava em idade de embarcar numa aventura desse tipo.

Tudo isso, noutra ocasião. Agora, terminados os jogos da temporada, certo dia seus dois companheiros de barraca, de passagem por Atenas foram visitá-lo, conforme decerto haviam prometido. E, na qualidade de turistas de larga experiência, haviam pretraçado seu programa de visitas. Passadas as primeiras efusões do encontro, pediram a Platão que lhes indicasse onde morava o seu homônimo de que tanto se falava em toda a Hélade. E ele, esboçando aquele sorriso discreto que lhe era peculiar, e que mais se manifestava nos olhos do que na mímica do rosto, lhes falou: Pois é; esse tal... sou eu mesmo.

O que deixou encabulados, continua Eliano, os ilustres visitantes, que não acabavam consigo de admirar-se, por haverem convivido durante tanto tempo com aquele senhor tão simples, de nome Platão, sem suspeitarem nem de longe da sua identidade.

Com esse gênio, e com tantas obras publicadas, é difícil imaginar que em qualquer tempo cedesse Platão às exigências das nossas pequeninas vaidades e a que damos tanto valor, para organizar e afixar na portada de seus novos livros a relação completa de tudo o que escrevera até aquela data. E

numerar, como fazemos, até os artigos de jornal, com os respectivos títulos, para assombro dos amigos e correligionários, também de número infinito.

Se fosse o caso, hoje estaríamos sossegados, nem haveria surgido em tempo algum o problema da identificação de suas obras. Mas, como a História nos pregou essa peça de mau gosto e nos legou tantos problemas com sua bibliografia lacunosa, o mais aconselhável, agora, será abstermo-nos de tomar partido por maneira ostensiva, e não rejeitar nenhum dos títulos da sua grande produção literária nem inquiná-los de suspeição.

No ponto a que chegamos, a medida de ordem prática mais consentânea com a reverência que devemos à tradição, é traduzir indiscriminadamente todo o Corpus platonicum, sem a preocupação de purificá-lo com a eliminação de algum escrito duvidoso. Tanto mais que, a cada dia que passa, as surpresas se sucedem, a qual mais desconcertante, com a louvável tendência de reabilitar a quase totalidade daqueles escritos. A obra de Ottomar Wichmann, acima citada, se inicia, como de praxe, pelo estudo dos denominados Diálogos socráticos, porém agora incluindo, sem o menor vislumbre de polêmica, muitos títulos até então inquinados de bastardia: *Do Justo*, *Da Virtude*, *Hiparco*, *Os Rivais*, *Teágenes*, lado a lado com *Laquete*, *Cármides* e tantos outros que nos são familiares. E termina — mirabile dictu! — lá pelas páginas 700, com a reabilitação de *Epinomis*, cuja autoria parecia definitivamente esclarecida com atribuí-la a Filipe de Opúncia, editor de *Leis*, conforme reza a tradição.

Em tal perplexidade, só nos resta terminar em aporia, sem resolver nada, a exemplo do grande mestre da Dialética em alguns dos seus Diálogos. Mais de uma vez, Sócrates obriga o contendor a bater em retirada, ao convidá-lo para recomeçarem a discussão em bases diferentes, visto não haverem chegado, até àquela altura, a nenhuma conclusão satisfatória. Foi o que se deu com o meritório Protágoras, com toda a sua vaidade — "Acerca dessas questões, mais para diante, caso queiras, voltaremos a conversar; agora, assunto urgente me reclama noutro lugar." — e com o superficial Eutífrone, a suar frio e ansioso de safar-se daquela enleada em que se metera sem querer: "Noutra ocasião, Sócrates; agora estou com pressa; é tempo de ir-me embora."

É a saída menos desairosa que se nos oferece. Aí estão os Diálogos de Platão: autênticos, apócrifos e duvidosos, tal como no-los transmitiu a antiguidade. Só há vantagem para os estudiosos em se habilitarem, com a sua leitura, para tomar parte ativa nessas discussões de alto nível.

O PRIMEIRO ALCIBÍADES

(*Sobre a natureza do homem.* Gênero maiêutico)

Sócrates — Alcibíades

St. II

103 a I — Ó filho de Clínias, deves estar admirado de que, tendo sido eu o primeiro a te amar, seja o único que não te abandonasse, quando todos se afastaram, apesar de não te haver dirigido a palavra durante tantos anos em que a turba te importunava com suas atenções. Não foi humana a razão desse meu proceder, mas impedimento divino, de cuja natureza oportunamente te falarei. E hoje, que tal impedimento cessou, aproximo-me de ti com a esperança de que, daqui por diante, não mais se manifeste. Durante todo esse tempo, observei cómo te comportavas com relação aos teus amigos. Por mais numerosos e altivos que fossem, não houve um só
104 a que não saísse corrido pelo teu desdém. Vou explicar-te a razão de ser de teu orgulho. Estás convencido de que não necessitas de ninguém para nada, pois, tendo tudo com larga margem de sobra, de nada virás a precisar, a começar pelo corpo e a acabar pela alma. Em primeiro lugar, julgas-te o mais belo e o mais alto dos cidadãos, com o que há de concordar quem tiver olhos de ver; a seguir, pertences a uma das mais esforçadas famílias de tua própria cidade, a quàl, por sua vez, é a maior
b da Hélade, e nela, por parte de pai, dispões de numerosos e influentes amigos e parentes, todos eles dispostos a servir-te na ocasião oportuna. Do lado materno, de igual modo, contas com parentes não menos numerosos que influentes. Porém o que consideras de mais importância que tudo é a in-

fluência de Péricles, filho de Xantipa, que teu pai deixou como teu tutor e de teu irmão, o qual pode fazer o que quiser tanto em nossa cidade como em toda a Hélade e em muitas e poderosas nações bár-
c baras. Acrescentarei a isso que pertences ao número das pessoas ricas, conquanto se me afigure que seja particularidade a que não dás grande importância. Envaidecido por todas essas vantagens, sobrepuseste-te aos teus admiradores, que aos poucos se afastaram de ti, o que não te passou despercebido. Sei, portanto, muito bem, que te admiras de eu não desistir de amar-te, e te perguntas em que posso fundar minhas esperanças para persistir no meu intento, quando todos os outros já se retiraram.

II — *Alcibíades* — Talvez ignores, Sócrates,
d que te antecipaste a mim de um quase nada, pois eu tinha precisamente a intenção de procurar-te para perguntar o que pretendes e o que esperas, para me importunares desse modo, obstinando-te em seguir-me por toda a parte. Em verdade, não atino com o que se passa contigo, e muito te agradeceria se me dissesses o que há.

Sócrates — Se desejas saber, como dizes, o que se passa comigo, ouve-me, como cumpre, com boa disposição. Vou falar como quem se dirige a quem se dispõe a escutar e a não retirar-se antes do fim.

Alcibíades — Está bem. Podes falar.

e *Sócrates* — Toma cuidado, pois não seria de admirar que tanto me custe terminar, como começar.

Alcibíades — Fala, meu caro Sócrates, que te ouvirei.

Sócrates — Vou falar, embora seja difícil a qualquer pessoa apresentar-se em caráter de apaixonado a quem não se rende a nenhum dos seus admiradores. Ainda assim, atrevo-me a expor meu pensamento. Se eu tivesse visto, meu caro Alcibíades, que te mostravas satisfeito com as vantagens que há momentos enumerei e que te contentarias com elas
105 a para o resto da vida, tenho certeza de que há muito tempo já teria arrefecido a afeição que te dedico. Vou revelar-te os teus verdadeiros pensamentos com relação a ti próprio, para que vejas como sempre foste objeto de minhas cogitações. Sou de parecer que se algum dos deuses te dissesse: Ó Alcibíades,

que preferiras: continuar vivo com o que presentemente possuis, ou morrer agora mesmo, caso não te fosse possível aumentar teu cabedal? estou certo de que escolherias morrer. Vou dizer-te agora de que esperança vives. Estás convencido de que logo que te apresentares para falar na assembléia dos
b atenienses — o que se dará dentro de poucos dias — imediatamente demonstrarás a todos que és mais merecedor de consideração do que Péricles ou qualquer dos varões ilustres dos séculos passados, demonstração que te granjeará a autoridade suprema da cidade entre os teus concidadãos. Uma vez assegurado o poder entre nós, dominarás em todos os helenos, digo melhor, não apenas nos helenos, mas nas populações de bárbaros que habitam o mesmo
c continente que nós. E se aquela divindade voltasse a falar e te dissesse que o teu império deveria ficar circunscrito à Europa, não te sendo permitido passar para a Ásia nem imiscuir-te nos negócios de lá, tenho certeza de que não quererias viver sob essa condição, já que não te era possível encher o mundo todo — por assim dizer — com o ruído do teu nome e do teu poder. Estou convencido de que, com exceção de Ciro e de Xerxes, ninguém mais se te afigura merecedor de consideração. Que essa é a tua esperança, tenho absoluta certeza; não se trata de conjecturas. E como estás ciente de que falo a ver-
d dade, decerto me perguntarás: Muito bem, Sócrates; porém que relação pode haver entre a explicação que me querias dar e o teu propósito de não me deixares? Ao que eu te responderia: Ó caro filho de Clínias e de Dinômaque, é que sem a minha colaboração não te será possível levar a bom termo todos esses projetos, tão grande é a influência que eu presumo ter sobre ti e tudo o que te diz respeito. Essa é a razão, quero crer, de me haver a divindade impedido durante tanto tempo de conversar contigo e de ter eu ficado à espera de sua permissão. E assim como pretendes demonstrar à cidade que és digno das maiores honrarias, para de pronto alcan-
e çares poder absoluto sobre ela, eu também, do meu lado, espero provar-te que te sou indispensável, e de tal forma indispensável que nem o teu tutor, nem teus parentes, nem ninguém mais se encontra em condições de entregar-te em mãos o poder que

tanto ambicionas, senão eu somente, com a ajuda da divindade, bem entendido. Quer parecer-me que enquanto eras jovem e não te achavas tão inflado por essas esperanças, a divindade não me permitia
106 a conversar contigo. Agora, porém, ela o consente, por estares em condições de ouvir-me.

III — *Alcibíades* — Acho-te muito mais estranho agora, Sócrates, depois de começares a falar, do que quando me seguias sem dizer palavra, apesar de não ser pequena a estranheza que durante esse tempo me causavas. Quanto aos pensamentos que me atribuis e que aceitas, ao que parece, como matéria pacífica, de nada me adiantaria protestar para convencer-te do contrário. Que fique assim mesmo. Admitindo-se, pois, que alimento, de fato, esses projetos, de que modo, com a tua ajuda, conseguirei concretizá-los, e, sem ela, nada poderei fazer? Quererás explicar-me?

b *Sócrates* — Perguntas se eu posso dar-te num discurso longo a explicação pedida, como estás habituado a ouvir? Não é esse o meu feitio. Todavia, penso que me será possível demonstrar-te a verdade do meu dito, bastando para isso que me faças um pequeno favor.

Alcibíades — Estou pronto a atender-te, se não for muito difícil.

Sócrates — Achas difícil responder a perguntas?

Alcibíades — Não, de fato.

Sócrates — Então, responde.

Alcibíades — Interroga-me.

c *Sócrates* — Vou fazê-lo, no pressuposto de alimentares os projetos que te atribuí.

Alcibíades — Que seja, se assim o queres, para vermos o que vais dizer.

Sócrates — Então, comecemos. Como disse, tencionas dentro de pouco apresentar-te aos atenienses em caráter de conselheiro. Suponhamos que, no instante preciso de subires à tribuna, eu te detenha para perguntar-te: Ó Alcibíades, no momento em que os atenienses se reúnem para deliberar, por que motivo te apresentas para ministrar-lhes conselhos? Não será por julgares que conheces melhor do que eles o assunto de que vão tratar? Que me responderias?

d *Alcibíades* — Decerto respondera que conheço o assunto melhor do que eles.

Sócrates — És, por conseqüência, bom conselheiro a respeito de assuntos do teu conhecimento?

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — E tudo o que conheces, não foi aprendido com outras pessoas ou descoberto por ti mesmo?

Alcibíades — Como poderia ser de outra maneira?

Sócrates — E poder-se-ia dar o caso de teres aprendido ou encontrado alguma coisa sem que tivesses querido aprender com alguém, nem houvesses investigado por conta própria?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — E te resolverias a aprender ou a investigar alguma coisa que supusesses já ser do teu conhecimento?

Alcibíades — Nunca.

e *Sócrates* — E o que porventura sabes neste momento, não houve tempo em que presumias ignorar?

Alcibíades — Necessariamente.

Sócrates — Creio estar mais ou menos a par de tudo o que aprendeste. Se eu omitir alguma coisa, nomeia-a. Tanto quanto posso lembrar-me, aprendeste a ler e a escrever, a tocar lira e a lutar. Não quiseste aprender a tocar flauta. Isso é o que sabes, a menos que tenhas aprendido mais alguma coisa escondido de mim, o que me parece improvável, pois não saías de casa, nem de dia nem de noite, sem que eu o percebesse.

Alcibíades — Não; só tive professores disso mesmo.

107 a IV — *Sócrates* — Sendo assim, sempre que os atenienses se reunirem para discutir a respeito de alguma questão de ortografia, pretendes levantar-te para dar tua opinião?

Alcibíades — Não, por Zeus!

Sócrates — Ou sobre o modo de pulsar a lira?

Alcibíades — Também não.

Sócrates — Eles não costumam, outrossim, deliberar na assembléia sobre as regras da luta?

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Então, a respeito de quê pretendes aconselhá-los em suas deliberações? Não há de ser sobre construções.

Alcibíades — Não.

b *Sócrates* — Melhor conselheiro do que tu, para esse caso, seria um arquitecto.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Nem, tampouco, quando estiverem tratando de adivinhação.

Alcibíades — Não.

Sócrates — A esse respeito, um adivinho leva vantagem sobre ti.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Pouco importando que ele seja de grande ou pequena estatura, bonito ou feio, de nobre ou de vil ascendência.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Para ser bom conselheiro, o que importa não é a riqueza, porém o saber.

Alcibíades — Como não?

Sócrates — Assim, quer seja rico, quer pobre o autor do conselho, não faz diferença para os atenienses, quando se põem a deliberar a respeito da
c saúde pública; só exigem que o conselheiro seja médico.

Alcibíades — E com razão.

Sócrates — Então, a respeito de que assunto poderás aconselhá-los, quando eles estiverem deliberando?

Alcibíades — Quando tratarem de seus próprios negócios.

Sócrates — Referes-te, por exemplo, a construções navais, quando discutirem que tipo de navios é preciso construir?

Alcibíades — Sobre isso, não, Sócrates.

Sócrates — Suponho que nada entendes da técnica da construção. Ou haverá outro motivo?

d *Alcibíades* — Não; é esse mesmo.

Sócrates — Então, a que negócios próprios te referes, de cuja discussão pretendes participar?

Alcibíades — Questões de guerra, Sócrates, e de paz, ou qualquer outro negócio de estado.

Sócrates — Já sei: é quando eles estiverem discutindo com quem devem concluir paz, ou contra quem declarar guerra, e como levá-la a efeito?

Alcibíades — Isso mesmo.

Sócrates — E que devem declará-la contra quem for mais conveniente?

Alcibíades — Sim.

e *Sócrates* — E no momento mais oportuno?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E durante todo o tempo que lhes convier?

Alcibíades — Isso mesmo.

Sócrates — Se os atenienses tivessem de decidir contra quem fora preciso empenhar-se em luta, ou lutar só com as mãos, sem tocar no corpo, e sobre as regras da competição, quem lhes poderia dar melhores conselhos, tu ou o pedótriba?

Alcibíades — O pedótriba, é claro.

Sócrates — Saberás dizer-me em que se basearia o pedótriba para aconselhá-los a lutar com este ou aquele, ou a dissuadi-los de tal propósito, e a indicar-lhes o momento oportuno e a maneira mais certa? Em outros termos: não lhes diria que fora conveniente lutar contra quem lhes ofereça maior probabilidade de vitória? Ou não?

Alcibíades — Sim.

108 a *Sócrates* — E sempre que for melhor fazê-lo?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E na ocasião mais oportuna?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Outro exemplo: por vezes, além de pulsar a cítara, não precisa o cantor acertar o passo ao canto?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Tudo isso no momento certo?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E sempre que for melhor fazê-lo?

Alcibíades — De acordo.

b V — *Sócrates* — Pois bem; já que empregas a mesma expressão. Melhor, tanto com relação à luta como ao canto acompanhado de cítara, quero que me digas que nome dás a esse melhor no canto? Eu, na palestra, dou-lhe o nome de ginástico. E tu, como designas o outro?

Alcibíades — Não compreendo.

Sócrates — Então, procura imitar-me. Eu responderia que para mim o melhor é o absolutamente

correto, sendo correto tudo o que é feito de acordo com a arte. Aceitas isso?

Alcibíades — Aceito.

Sócrates — Não é a ginástica uma arte?

Alcibíades — Como não?

c *Sócrates* — Digo, portanto, que em matéria de luta o melhor se denomina ginástico.

Alcibíades — Foi o que disseste.

Sócrates — E não estará certo?

Alcibíades — Parece-me que sim.

Sócrates — Agora é tua a vez; precisas iniciar-te na dialética. Começo por perguntar-te que nome dás à arte que compreende o canto certo, o toque de cítara e o ritmo dos passos? Em conjunto, como se denomina? Ainda não saberás dizê-lo?

Alcibíades — Ainda não.

Sócrates — Tentemos por outro modo. Quais são as deusas que presidem a essa arte?

Alcibíades — Estás pensando nas Musas, Sócrates?

d *Sócrates* — Justamente. Como se chama a arte que delas tira o nome?

Alcibíades — Quero crer que te referes à música.

Sócrates — É isso mesmo. Agora dize-me que nome se dá ao que é excelente em relação à arte da música. Assim como eu te indiquei o termo exato que se aplica à execução, quando feita de acordo com as regras de outra arte — a ginástica — dize-me agora, por tua vez, que nome tem na música o que é feito com todas as regras da arte.

Alcibíades — Creio que é músico.

Sócrates — Muito bem. Continua. E quando se atinge a excelência em matéria de paz e de
e guerra, de que modo a nomeias? Assim como nos outros casos deste o nome de músico ao que é excelente na música, e o de ginástico ao que sobreexcele em ginástica, procura agora designar também o melhor em questão de paz e de guerra.

Alcibíades — Para ser franco, não sei.

Sócrates — Ora, fora vergonhoso, se estivesses falando com alguma pessoa e dando conselhos a respeito de alimentos, e dissesses que tal alimento era melhor do que outro, em tal tempo ou em tal quantidade, e essa pessoa te perguntasse: Que en-

tendes por melhor alimento, Alcibíades? não lhe responderias que era o mais sadio, muito embora não te apresentasses como médico? No entanto, quando te formulam uma pergunta sobre assunto que declaras conhecer e a respeito do que te apresentaste
109 a para falar como entendido, não te sentirias envergonhado de não saberes responder, ao te formularem essa pergunta? Ou não te parece vergonhoso?

Alcibíades — Muito.

Sócrates — Então reflete um pouco, e procura explicar em que consiste o melhor a respeito de paz, quando for preciso ser firmada, ou com relação à guerra levada a cabo contra o adversário certo.

Alcibíades — Por mais que reflita, não atino com a resposta.

Sócrates — Ora, quando estamos em guerra, não sabes as queixas que alegamos reciprocamente
b para justificá-la, e de que expressões nos valemos para esse fim?

Alcibíades — Sei! Que fomos enganados, ou nos fizeram violência, ou que nos tomaram algo.

Sócrates — Continua. E como procedemos nessas ocasiões? Procura a expressão que possa aplicar-se a todos os casos em particular.

Alcibíades — Queres dizer, Sócrates, que em cada caso procedemos justa ou injustamente?

Sócrates — É isso mesmo.

Alcibíades — Mas a diferença é enorme!

Sócrates — E então? Contra que adversários aconselharias os atenienses a marchar para a guerra: contra os que procederam injustamente com eles, ou contra os que obraram com justiça?

c *Alcibíades* — Pergunta difícil, essa, de responder, Sócrates, pois ainda mesmo que alguém se dispusesse a atacar os que procederam com justiça, jamais o confessaria.

Sócrates — Não seria legítima sua conduta, ao que parece.

Alcibíades — Não, decerto; nem honesta, quero crer.

Sócrates — Assim, tomarias a justiça como base de teus conselhos?

Alcibíades — Necessariamente.

Sócrates — Sendo assim, esse melhor que te pedi me definisses, quando se vai ou não se vai para

a guerra, contra quem deve ser ou não deve ser declarada, e qual o momento mais oportuno de iniciá-la ou não, vem a ser simplesmente o justo, não é verdade?

Alcibíades — Evidentemente.

d VI — *Sócrates* — Mas, então, meu caro Alcibíades, como não percebeste que ignoravas isso, ou dar-se-á o caso de haveres freqüentado, sem o saberes, algum professor que te ensinou a distinguir entre o justo e o injusto? Quem é ele? Dize-me quem seja, e apresenta-me a ele, para que eu também me aproveite de suas lições.

Alcibíades — Estás zombando, Sócrates.

Sócrates — Não, pelo deus amigo de nós dois,

e cujo nome eu não invocaria em vão; se esse professor existe, dize-me como se chama.

Alcibíades — Mas se nunca houve tal professor! Não admites que por outros meios eu possa ter aprendido a conhecer o justo e o injusto?

Sócrates — Sim, se o descobriste por ti mesmo.

Alcibíades — E achas que eu nunca poderia descobri-lo?

Sócrates — Sem dúvida; bastaria procurar.

Alcibíades — E não admites que o tenha feito?

Sócrates — Sim, no caso de pensares que não o conhecias.

Alcibíades — E não houve época em que eu pensava dessa maneira?

Sócrates — Muito bem. Poderás indicar-me esse tempo em que pensavas não conhecer a na-

110 a tureza do justo e do injusto? Vejamos: no ano passado procuraste conhecê-lo, por imaginares que ainda o ignoravas? Ou pensavas já conhecê-lo? Dize a verdade, para que não venhamos a falar em vão.

Alcibíades — Bem; pensava sabê-lo.

Sócrates — E há três anos, e há quatro, ou há cinco anos, tua situação não era a mesma?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Antes desse tempo, ainda eras criança, não é verdade?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Porém tenho certeza de que nessa época imaginavas saber.

Alcibíades — Certeza, como?

b *Sócrates* — Muitas vezes, no tempo de menino, em casa do professor ou alhures, quando jogavas dados com teus colegas ou te entregavas a qualquer outro divertimento, não revelavas nenhuma indecisão com respeito à natureza do justo e do injusto, mas em voz alta e corajosamente chamavas fosse qual fosse dos teus companheiros de mau e injusto e o acusavas de estar roubando. Não é verdade?

Alcibíades — E que deveria fazer, Sócrates, quando me roubavam no jogo?

Sócrates — Se nesse tempo ainda ignoravas se era justo ou injusto o que te faziam, como perguntas o que deverias fazer?

c *Alcibíades* — Por Zeus, não o ignorava; sabia perfeitamente que estavam praticando comigo uma injustiça.

Sócrates — Pelo que se vê, és de parecer que desde criança conheces a natureza do justo e do injusto.

Alcibíades — Sim; conhecia, realmente.

Sócrates — E em que época a descobriste? Não, decerto, no tempo em que pensavas conhecê-la.

Alcibíades — Não, sem dúvida.

Sócrates — Quando, então, presumias ignorá-la? Pensa bem; não podes dizer em que tempo foi isso?

Alcibíades — Com efeito, Sócrates, por Zeus! Não sei o que dizer.

d *Sócrates* — Então não aprendeste tal coisa por a teres descoberto.

Alcibíades — É o que parece.

Sócrates — Mas há pouco disseste que não conhecias isso por haver aprendido. Ora, se não o descobriste por ti mesmo, nem aprendeste com ninguém, de que modo e de onde te veio tal conhecimento?

VII — *Alcibíades* — Decerto não respondi direito, quando disse que o havia descoberto.

Sócrates — Então, como deveria ter respondido?

Alcibíades — Creio que aprendi com todo o mundo.

Sócrates — Voltamos, assim, ao ponto de partida. Com quem aprendeste? Dize-me.

e *Alcibíades* — Com todo o mundo.

Sócrates — Não te acolhes a professores recomendáveis, com te refugiares entre o vulgo.

Alcibíades — Como assim? O vulgo não é capaz de ensinar nada?

Sócrates — Nem sequer a jogar gamão, que é muito menos difícil de aprender do que a justiça. Não pensas desse modo?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Se não é capaz de ensinar o mais fácil, como poderá fazê-lo com o mais difícil?

Alcibíades — Penso que pode; o vulgo tem capacidade para ensinar coisas mais difíceis do que esse jogo.

Sócrates — Que coisas?

111 a *Alcibíades* — Ora, aprendi com eles a falar grego, pois o certo é que não poderei indicar meu professor nessa matéria, se não for, justamente, o que te parece tão pouco recomendável.

Sócrates — Sim, caro amigo; são ótimos professores de grego, dignos, nesse ponto, dos maiores encômios.

Alcibíades — Por quê?

Sócrates — Por serem dotados das qualidades indispensáveis aos bons professores.

Alcibíades — Que queres dizer com isso?

Sócrates — Não sabes que a condição essencial para ensinar alguma coisa é conhecê-la? Ou não?

b *Alcibíades* — Perfeitamente.

Sócrates — E que os que conhecem essa coisa devem estar sempre de acordo, sem nunca divergirem de opinião?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Dirias que eles conhecem os assuntos em que estão em desacordo?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — E então? Acreditas que os do vulgo venham a ficar em desacordo a respeito do que seja pau ou pedra? Qualquer pessoa a quem te dirigires, não te daria sempre uma única resposta
c e não correria para o mesmo objeto, se se tratasse de apanhar um pau ou uma pedra? E assim com tudo o mais, o que eu suspeito ser mais ou menos o que entendes por falar grego. Ou não?

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Ora, como dizíamos, não é verdade que nesse ponto todos estão de acordo entre si e cada um consigo mesmo, e que do mesmo modo não discrepam publicamente e empregam sempre as mesmas expressões?

Alcibíades — Com efeito.

d *Sócrates* — É de presumir, portanto, que todos sejam excelentes professores nessa matéria.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Sendo assim, no caso de querermos deixar alguém em condições de falar corretamente a língua grega, faríamos bem em encaminhá-lo para a escola das multidões?

Alcibíades — Perfeitamente.

VIII — *Sócrates* — Porém se não quiséssemos saber apenas o que é homem e o que é cavalo, mas que homens ou que cavalos são bons ou maus corredores, os da maioria ainda seriam os mais indicados para no-lo ensinar?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — A melhor prova de que eles des-
e conhecem o assunto e de que não são professores competentes nessa matéria é nunca chegarem a um acordo entre eles mesmos.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — E então? Se quiséssemos saber, não apenas o que são os homens, porém que homens são sadios ou doentes, estaria ainda a maioria em condições de no-lo ensinar?

Alcibíades — Não, de fato.

Sócrates — E a prova de que eles são maus professores nessa matéria, não na terias no fato de vê-los sempre em desacordo?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E agora? A respeito de homens ou
112 a de negócios justos ou injustos, és de parecer que os da multidão estão de acordo uns com os outros, ou cada um consigo mesmo?

Alcibíades — Pior ainda, Sócrates, por Zeus!

Sócrates — Não é sobre isso que se revela maior entre eles o desacordo?

Alcibíades — Sem dúvida!

Sócrates — Por outro lado, quero crer que nunca viste nem nunca ouviste dizer que os homens se desaviessem a respeito do que é são ou do que é doentio, a ponto de chegarem às vias de fato e de se matarem?

Alcibíades — Nunca.

b *Sócrates* — Mas com relação a disputas sobre o justo e o injusto, embora talvez nunca tivesses presenceado nenhuma, estou certo de que já ouviste referências a muitos casos, principalmente em Homero. Conheces a Ilíada e a Odisséia.

Alcibíades — Seguramente, Sócrates.

Sócrates — O argumento desses poemas não é o desacordo de sentimentos sobre o justo e o injusto?

Alcibíades — É.

Sócrates — Foi esse desacordo a causa das batalhas e da morte de acaios e de troianos, bem como

c dos pretendentes de Penélope, na Odisséia.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Quero crer, também, que os atenienses, lacedemônios e beócios, que morreram em Tânagra, bem como posteriormente em Coronéia, onde também teu pai Clínias veio a falecer, não foi outra a causa de tantas mortes e batalhas senão a desavença a respeito do justo e do injusto, não é verdade?

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — No entanto, apelas para esses mesmos professores, cuja ignorância és o primeiro a reconhecer.

Alcibíades — É possível.

Sócrates — Como poderemos convir, então, que sabes o que seja a natureza da justiça e da injustiça, se aberras tanto nas tuas respostas, por ser evidente que nem a aprendeste com alguém, nem a encontraste por esforço próprio?

Alcibíades — Pelo que dizes, não é possível.

e IX — *Sócrates* — Não percebes, Alcibíades, como te exprimes com pouca precisão?

Alcibíades — A respeito de quê?

Sócrates — De pensares que eu disse tal coisa.

Alcibíades — Como assim? Não foste tu quem disseste que eu nada sei a respeito do justo e do injusto?

Sócrates — Eu, não.

Alcibíades — Então fui eu?

Sócrates — Sem dúvida.

Alcibíades — De que modo?

Sócrates — É o seguinte: suponhamos que eu te perguntasse qual dos dois números é maior: um ou dois. Não responderias que dois é o maior?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Maior, quanto?

Alcibíades — Uma unidade.

Sócrates — Qual de nós dois é o que diz que dois é uma unidade maior do que um?

Alcibíades — Eu.

113 a *Sócrates* — Logo, eu fui o que perguntei, e tu, o que respondeste?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Sobre esse assunto, portanto, quem é que se manifesta: eu que pergunto, ou tu que respondes?

Alcibíades — Eu.

Sócrates — E se eu te pedisse que me dissesses as letras da palavra Sócrates, quem se manifestaria, eu ou tu?

Alcibíades — Eu.

Sócrates — Falemos agora em tese: quando se estabelece uma troca de perguntas e respostas, quem é que se manifesta, quem pergunta ou quem responde?

Alcibíades — Parece-me, Sócrates, que é quem responde.

b *Sócrates* — Ora, em toda a nossa conversação anterior, não era eu o único a perguntar?

Alcibíades — Era.

Sócrates — E tu eras o que respondias?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Quem se manifestou, portanto, sobre o que ficou dito?

Alcibíades — Do que admitimos, Sócrates, sou forçado a concluir que fui eu.

Sócrates — E não ficou dito, também, que Alcibíades, o belo, filho de Clínias, ignorando a natureza do justo e do injusto, mas presumindo conhecê-la, pretendia apresentar-se à assembléia para dar conselhos aos atenienses a respeito de questões de que ele nada entendia?

c *Alcibíades* — Parece.

Sócrates — Aplica-se ao nosso caso, Alcibíades, aquilo de Eurípides: ouviste isso de ti mesmo, não de mim; não fui eu que o disse, porém tu, que me

acusas sem razão. O que disseste é muito certo. É verdadeira loucura, meu caro, levar avante o teu projeto de pretender ensinar aos outros o que nem sabes nem te deste ao trabalho de aprender.

d X — *Alcibíades* — Penso, Sócrates, que muito raramente os atenienses e os demais helenos discorrem em suas assembléias sobre o que seja mais justo ou mais injusto. Para eles todos, trata-se de uma questão evidente por si mesma. Por isso, deixam-na de lado e consideram apenas as resoluções de que possam auferir maiores vantagens. Segundo o meu modo de pensar, não é a mesma coisa o justo e o vantajoso; muitos homens tiram grande proveito de injustiças por eles mesmos praticadas, enquanto outros, é o que penso, nada lucraram com terem sido justos.

e *Sócrates* — E então? Admitindo-se que o justo e o vantajoso sejam diferentes, terás a pretensão de saber o que é vantajoso para os homens, e a razão de o ser?

Alcibíades — Por que não, Sócrates? Salvo se me perguntares outra vez com quem o aprendi ou de que modo o encontrei por mim mesmo.

Sócrates — Vês como te comportas? Se cometeres algum equívoco que possa ser refutado pelos mesmos argumentos de que nos servimos antes, insistes, apesar disso, em querer ouvir nova argumentação, como se os primeiros argumentos não passassem de vestes safadas, que já não poderias usar. Forçoso será que te apresentem argumentos puros
114 a e imaculados. Não obstante, vou deixar de lado todo esse preâmbulo, para perguntar-te novamente onde aprendeste o que sabes sobre o útil, quem foi o teu professor, e tudo o mais de há pouco, apresentado agora de uma só vez. Mas, é evidente que vais voltar à situação anterior, sem poderes demonstrar que sabes isso por o teres descoberto por ti mesmo ou aprendido com alguém. Como, porém, te revelaste de paladar muito delicado, para não teres
b necessidade de provar duas vezes os mesmos argumentos, desisto de procurar saber se conheces ou não conheces o que é útil aos atenienses, e apenas te formulo uma pergunta: o útil e o justo são idênticos ou distintos? Por que não demonstras o teu

ponto de vista interrogando-me, como eu fiz contigo, ou, se o preferires, desenvolvendo tu mesmo teu pensamento?

Alcibíades — Não sei, Sócrates, se tenho capacidade para apresentar em termos exatos o problema.

Sócrates — Ora, meu caro; faze conta que eu sou a assembléia e o povo. Forçosamente terás de convencer na assembléia cada indivíduo isoladamente considerado, não é assim?

Alcibíades — Justamente.

c *Sócrates* — Não é possível a qualquer pessoa converter ao seu modo de pensar ou um indivíduo apenas ou uma reunião de muitos indivíduos? Não é isso que se dá com o professor de ginástica, que tanto ensina um aluno, como muitos?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E a respeito de números, uma só pessoa não poderá, do mesmo modo, convencer um ouvinte apenas, ou muitos ouvintes?

Alcibíades — É isso mesmo.

Sócrates — Desde que essa pessoa, naturalmente, conheça o assunto, isto é, bastando que seja matemático?

Alcibíades — É evidente.

Sócrates — Logo, se fores capaz de convencer muitas pessoas reunidas, poderás, do mesmo modo, convencer uma só.

Alcibíades — Creio que sim.

Sócrates — Se se tratar, é claro, de assunto do teu conhecimento.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — A diferença, portanto, entre o orador que fala perante uma assembléia e o que dis-
d corre numa conversa como a nossa, não consiste apenas em persuadir o primeiro muitas pessoas ao mesmo tempo, e o segundo, uma só, isoladamente?

Alcibíades — Parece que sim.

Sócrates — Muito bem; e já que se tornou evidente que o orador capaz de convencer muitas pessoas é também capaz de convencer uma só, exercita-te comigo e procura demonstrar-me que nem sempre o justo é vantajoso.

Alcibíades — És violento, Sócrates.

Sócrates — Pois só por violência vou provar-te precisamente o contrário daquilo que não quiseste demonstrar-me.

Alcibíades — Então fala.

Sócrates — Basta responderes ao que te perguntar.

e *Alcibíades* — Não; fala sozinho.

Sócrates — Como assim? Não admites que te possas deixar convencer por alguém?

Alcibíades — Quantas vezes for preciso.

Sócrates — E para ficares convencido, não é de mister que tu mesmo declares que as coisas se passam como eu disse?

Alcibíades — Penso que sim.

Sócrates — Então responde. Se não vieres a ouvir de ti mesmo que o justo é vantajoso, nunca mais acredites em ninguém.

Alcibíades — Não creio; mas vou responder ao que me perguntares, por não ver em que possa isso prejudicar-me.

115 a XI — *Sócrates* — És bom adivinho. Então dize-me: segundo o teu modo de pensar, entre as coisas justas algumas são vantajosas e outras não?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E então? Não haverá entre elas algumas bonitas e outras que o não sejam?

Alcibíades — Que queres dizer com isso?

Sócrates — Pergunto se já viste alguém cometer uma ação feia, porém justa.

Alcibíades — Nunca.

Sócrates — Nesse caso, todas as ações justas são belas?

Alcibíades — São.

Sócrates — E com relação às coisas belas, serão todas boas, ou algumas o serão, com exclusão de outras?

Alcibíades — A meu ver, Sócrates, algumas coisas belas são más.

Sócrates — E há coisas feias que sejam boas?

Alcibíades — Há.

Sócrates — Que queres dizer com isso? Exemplificando, não será o caso dos soldados na guerra, que vêm a morrer por ferimentos recebidos, quando saem em socorro de algum parente ou companheiro,

enquanto outros, que tinham o dever de fazer o mesmo, porém não o fazem, retiram-se incólumes?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Por outro lado, consideras má essa mesma ação, por implicar morte e ferimentos, não é?

Alcibíades — Sim.

c *Sócrates* — Mas uma coisa é a coragem, e outra a morte, não é verdade?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Sendo assim, socorrer os amigos não pode ser belo e feio ao mesmo tempo.

Alcibíades — Não, evidentemente.

Sócrates — Considera agora se o que deixa bela essa ação, também não a deixa boa, como no caso anterior. Foste o primeiro a conceder que, como ato corajoso, era belo o auxílio prestado. Agora, procura saber se a coragem é boa ou má. Reflete sobre isso. Que escolherias, o bem ou o mal?

Alcibíades — O bem.

d *Sócrates* — E, sem dúvida, o maior bem possível?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Do qual por modo nenhum desejarias ver-te privado?

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — E o que me dizes da coragem? Por que preço consentirias em ficar dela privado?

Alcibíades — Preferira não viver a ser cobarde.

Sócrates — A teus olhos, portanto, a cobardia é o maior dos males.

Alcibíades — É o que eu penso.

Sócrates — Igual à morte, ao que parece.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E o extremo oposto da morte e da cobardia, não será a vida e a coragem?

Alcibíades — Sim.

e *Sócrates* — Disto, então, desejarias para ti o máximo, e de seus contrários, o mínimo?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E isso, por considerares melhores aqueles, e estes piores?

Alcibíades — De acordo.

Sócrates — Entre as melhores coisas, portanto, incluis a coragem, e, entre as piores, a morte?

Alcibíades — É o que eu penso.

Sócrates — Assim, qualificas de bela a ação de socorrer os amigos na guerra, enquanto ato de coragem.

Alcibíades — Penso que sim,

Sócrates — Porém má, por causa da morte que se lhe segue?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Essa é a maneira certa de qualificar cada uma de nossas ações: à que produz mal darás o nome de má; porém terás de considerar boa a
116 a que produz algum bem.

Alcibíades — É também o que eu penso.

Sócrates — E enquanto boa não será bela, e enquanto má não será feia?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Sendo assim, quando dizes que socorrer os amigos na guerra é uma ação bela, porém má, é o mesmo que dizeres que se trata de uma ação boa, porém má.

Alcibíades — Acho que tens razão, Sócrates.

Sócrates — Logo, nada belo, enquanto belo, é mau, nem nada feio, enquanto feio, é bom.
b *Alcibíades* — É o que parece.

XII — *Sócrates* — Considera de igual modo também o seguinte; quem executa uma bela ação não se comporta bem?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E os que se comportam bem, não são felizes?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — E não serão felizes por possuírem algum bem?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E só alcançam esse bem por seu comportamento belo e bom?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Logo, comportar-se bem é bom.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E o bom comportamento será belo?

Alcibíades — É.

c *Sócrates* — Assim, mais uma vez o belo e o bom se nos revelam como idênticos.

Alcibíades — É o que parece.

Sócrates — Logo, se é válido o nosso raciocínio, sempre que acharmos que uma coisa é bela, teremos também de considerá-la boa.

Alcibíades — Forçosamente.

Sócrates — E então? O que é bom não é vantajoso?

Alcibíades — É.

Sócrates — Ainda te recordas do que concluímos a respeito do justo?

Alcibíades — Se bem me lembro, foi que quem pratica uma ação justa, necessàriamente realiza um ato belo.

Sócrates — Assim, as belas ações são boas?

Alcibíades — São.

d *Sócrates* — E o que é bom é vantajoso?

Alcibíades — É o que parece.

Sócrates — E então? Quem o declara não és tu, e não sou eu o que pergunto?

Alcibíades — Sou eu, realmente.

Sócrates — Logo, se alguém se levantasse para aconselhar os atenienses ou os peparétios, por pretender conhecer o que é justo e o que é injusto, e dissesse que por vezes as coisas justas são feias, não
e te rirías dessa pessoa, já que tu mesmo afirmas que o justo e o útil são idênticos?

Alcibíades — Pelos deuses, Sócrates, já não sei o que falo; encontro-me numa situação esquisita; quando me interrogas, ora sou de uma opinião, ora de outra.

Sócrates — E ignoras, amigo, de onde te vem essa perturbação?

Alcibíades — Completamente.

Sócrates — Acreditas que se alguém te perguntasse se tens dois olhos ou três, duas mãos ou quatro, ou qualquer coisa do mesmo teor, responderias ora de um jeito, ora de outro, ou todas as vezes da mesma forma?

117 a *Alcibíades* — Conquanto já me encontre desconfiado de mim mesmo, creio que daria sempre resposta idêntica.

Sócrates — E a causa disso? Não é por conheceres o assunto?

Alcibíades — Creio que sim.

Sócrates — É evidente, portanto, que sempre que respondes contraditoriamente, sem o quereres, é por desconheceres o assunto em debate.

Alcibíades — Decerto.

Sócrates — E não reconheces que varias em tuas respostas a respeito do justo e do injusto, do belo e do feio, do ruim e do bom, do vantajoso e do desvantajoso? Não é evidente que isso só acontece por ignorares o assunto?

b *Alcibíades* — De acordo.

XIII — *Sócrates* — E não será isso um caso geral? Se alguém ignora determinado assunto, forçosamente vacilará na sua apreciação.

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — E então? Sabes de que modo se sobe ao céu?

Alcibíades — Não, por Zeus!

Sócrates — E revelas alguma indecisão acerca desse assunto?

Alcibíades — Nenhuma.

Sócrates — E a razão disso, conhece-la, ou será preciso que eu ta revele?

Alcibíades — Dize qual seja.

Sócrates — É que, amigo, ignorando o assunto, como ignoras, não presumes conhecê-lo.

c *Alcibíades* — Que queres dizer com isso?

Sócrates — Raciocina comigo. Revelas-te perplexo naquilo que tens a certeza de ignorar? Por exemplo: sabes muito bem que ignoras como se preparam os alimentos.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E como te comportas a esse respeito? Pões-te a refletir sôbre a maneira do preparo e te mostras vacilante, ou recorres a alguém que entenda do assunto?

Alcibíades — Assim farei.

Sócrates — E se estivesses viajando, ficarias atrapalhado por não saberes se era preciso virar o
d timão do leme para dentro ou para fora, ou, de preferência, recorrerias ao piloto e te deixaras ficas tranqüilo?

Alcibíades — Recorreria ao piloto.

Sócrates — Logo, não vacilas a respeito do que ignoras, sempre que tens consciência de que o ignoras?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Percebes, portanto, que os erros na vida prática decorrem dessa modalidade de ignorância, que consiste na presunção de sabermos o que não sabemos?

Alcibíades — Que queres dizer com isso?

Sócrates — Quando nos dispomos a fazer determinada coisa, não é por estarmos certos de saber o que fazemos?

Alcibíades — Sim.

e *Sócrates* — E, ao contrário: não recorre a outra pessoa quem tem consciência da própria ignorância?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — Sendo assim, os ignorantes desse tipo atravessam a vida sem cometer erros, porque deixam ao cuidado dos outros os assuntos que eles ignoram.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Se não são, portanto, nem os que sabem, nem os ingnorantes que sabem que não sabem,
118 a restam apenas os que, não sabendo, presumem saber.

Alcibíades — São êsses, realmente.

Sócrates — E não é essa modalidade de ignorância a causa de todos os males e a mais repreensível das ignorâncias?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E quanto mais importante for o assunto, mais nociva e vergonhosa será ela.

Alcibíades — Muito!

Sócrates — E, agora, conheces assunto mais importante do que o relativo ao justo, o belo, o bom e o útil?

Alcibíades — Nenhum.

Sócrates — E não é precisamente a respeito deles, conforme o declaraste, que te mostras indeciso?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E se erras a respeito deles, não é evidente, do que ficou dito, que, não somente desconheces os assuntos mais importantes, como, des-
b conhecendo-os, presumes conhecê-los?

Alcibíades — É o que parece.

Sócrates — Ah, meu caro Alcibíades, de que doença estás sofrendo! Vacilo em qualificá-la; todavia, já que estamos sós, é preciso que o diga. Coa-

bitas, meu caro, com a pior espécie de ignorância, o que tua conversação te demonstrou, ou melhor, tu a ti mesmo. Por isso, atiras-te à política antes de te haveres instruído. Aliás, não és o único a sofrer de semelhante mal, mas quase todos os que se ocupam
c com os negócios da República, com exceção de uns poucos e, naturalmente, do teu tutor, Péricles.

XIV — *Alcibíades* — Dizem, Sócrates que ele não aprendeu o que sabe por esforço próprio, porém no trato e conversação com muitos sábios, entre os quais Pitóclides e Anaxágoras; e agora mesmo, na idade a que chegou, mantém relações com Damão, para o mesmo fim.

Sócrates — E então? Já viste ser alguém sábio em qualquer matéria e incapaz de transmitir a outrem o conhecimento de sua especialidade? Por exemplo: quem te ensinou a ler, não somente era sábio nessa matéria, como te deixou sábio nisso, a ti e a muitas pessoas mais que lhe aprouvesse ensinar, não é verdade?

Alcibíades — Sim.

d *Sócrates* — E tu, instruído por ele, és capaz, por tua vez, de ensinar outras pessoas?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — O mesmo se dá com os professores de cítara e de ginástica?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — A melhor prova, portanto, que pode alguém dar de que possui determinado conhecimento, é ser capaz de transmitir a outrem esse mesmo conhecimento.

Alcibíades — É também o que eu penso.

Sócrates — Pois bem: poderás apontar-me quem Péricles já deixou sábio, a começar pelos seus próprios filhos?

e *Alcibíades* — Como, Sócrates! Se os dois filhos de Péricles são deficientes!

Sócrates — Ou então o teu irmão Clínias?

Alcibíades — Por que mencionares Clínias, esse louco?

Sócrates — Bem; uma vez que Clínias é louco e os filhos de Péricles, deficientes, por que motivo se descuida ele de tua educação, sendo tu tão bem dotado como és?

Alcibíades — Decreto é minha a culpa, por não prestar atenção ao que ele diz.

119 a *Sócrates* — Então cita-me alguém entre os demais atenienses e estrangeiros, ou seja escravo ou homem livre, que se tenha tornado mais sábio com a convivência de Péricles, como eu poderia citar-te Pitodoro, filho de Isóloco, e Cálias, filho de Calíades, que muito aproveitaram no convívio com Zenão e se tornaram varões sábios e preclaros, para o que pagou cada um a Zenão cem minas.

Alcibíades — Por Zeus, não poderei fazê-lo.

Sócrates — Está bem. E quais são os teus planos a teu próprio respeito? Pretendes continuar como estás, ou aplicar-te a alguma coisa?

b XV — *Alcibíades* — Isso é assunto para deliberarmos juntos, Sócrates. Aliás, compreendo o que dizes e declaro-me de pleno acordo contigo. Nossos homens públicos, com pouquíssimas excessões, se me afiguram de todo incompetentes.

Sócrates — E daí?

Alcibíades — Se fossem cultos, os que se propusessem medir-se com eles teriam de instruir-se e exercitar-se como se tivessem de haver-se com atletas; como, porém, se dedicam à política sem nenhum
c preparo prévio, por que se exercitarem os outros e se cansarem em aprender? Eu, de mim, sei perfeitamente que os excedo de muito em dotes naturais.

Sócrates — Que proposição avançaste, meu caro! Não vai bem isso com o teu físico e demais qualidades.

Alcibíades — Onde está o exagero, Sócrates, e por que dizes isso?

Sócrates — Sinto-o por ti e pela afeição que te dedico.

Alcibíades — E a razão disso?

Sócrates — Por imaginares que a competição que tens em mira diz respeito à gente daqui.

Alcibíades — E a quem mais dirá respeito?

d *Sócrates* — Isso é pergunta que possa fazer quem se considerar magnânimo?

Alcibíades — Queres dizer que não é com eles que eu terei de haver-me?

Sócrates — Se te dispusesses a governar uma trirreme prestes a entrar em combate, contentar-te-ias com ser o mais hábil piloto da tripulação? Ou,

de preferência, aceitando como natural essa superioridade, não te compararias com os teus verdadeiros adversários, e não, como agora fazes, com os companheiros de campanha? A estes a tal ponto
e deves avantajar-te, que nem lhes ocorra a idéia de rivalizarem contigo; ao contrário, tratados como inferiores, lutarão ao teu lado contra os inimigos. É o que farias, se de fato pretendes realizar algo belo e, sobretudo, digno de ti e da cidade.

Alcibíades — É isso, realmente, o que pretendo fazer.

Sócrates — E considerarás suficiente seres superior aos nossos soldados, sem lançares as vistas para os comandantes dos inimigos, com o intuito de sobrepujá-los em toda a linha, estudando-os e tomando tuas medidas em relação a eles?

120 a *Alcibíades* — A que inimigos te referes, Sócrates?

Sócrates — Ignoras que nossa cidade está em constante guerra com os lacedemônios e com o Grande Rei?

Alcibíades — É certo o que dizes.

XVI — *Sócrates* — Logo, se formas o projeto de tornar-te chefe da nossa gente, deves admitir como certo que terás de disputar o primado contra o Rei dos lacedemônios e o dos persas.

Alcibíades — É possível que tenhas razão.

Sócrates — Não, não, amigo! Enganei-me! É para Mídias que deves olhar, o criador de codornas,
b e para outros que tais, que se abalançam a tratar dos negócios da cidade tendo ainda na alma, como diriam as mulheres, o corte de cabelo dos escravos, de tão incultos que são, até mesmo no hábito externo, e que com o seu linguajar bárbaro não vieram governar o povo, porém adulá-lo. É para esses, digo, que deves olhar, sem te preocupares com o modo de
c aprender o que é preciso ficares conhecendo no momento em que te encontras na iminência de principiar uma luta séria, e sem praticares o que fora de necessidade praticar antes de te iniciares nos negócios públicos,

Alcibíades — Acho, Sócrates, que tens razão nesse ponto, mas também sou de parecer que tanto os generais lacedemônios como o Rei dos persas em nada diferem dos demais.

Sócrates — Reflete mais de espaço, meu caro, no juízo que acabas de emitir.

Alcibíades — Sob que aspecto?

Sócrates — Em primeiro lugar, sobre se não virias a tomar mais cuidado contigo mesmo, no
d caso de teres medo deles e de os considerares adversários temíveis, do que se pensasses o contrário?

Alcibíades — É evidente que procederia dessa maneira, se me arreceasse deles.

Sócrates — E achas que esses cuidados te prejudicariam em alguma coisa?

Alcibíades — De forma alguma; ganharia imensamente com isso.

Sócrates — Sendo assim, tal modo de pensar te acarreta pelo menos esse prejuízo.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — Em segundo lugar, tudo faz crer que semelhante juízo não procede.

Alcibíades — Como assim?

Sócrates — Em que raças há maior probabilidade de encontrarmos as melhores naturezas, nas
e mais nobres ou nas inferiores?

Alcibíades — Nas mais nobres, evidentemente.

Sócrates — E não é certo, também, que as boas naturezas, quando bem cultivadas, chegam a alcançar a perfeição na virtude?

Alcibíades — Forçosamente.

XVII — *Sócrates* — Estabeleçamos, então, um confronto entre eles e nós, começando por perguntar se os lacedemônios e o rei dos persas parecem ser de raça inferior à nossa. Não é certo sabermos que aqueles descendem de Héracles e o outro dos Aquemênidas, e que a linha de Héracles e a dos Aquemênidas são tidas como originárias de Perseu, filho de Zeus?

121 a *Alcibíades* — E a nossa Sócrates, vai entroncar-se em Eurísace, e a de Eurísace, em Zeus.

Sócrates — E a nossa, nobre Alcibíades, em Dédalo, e por intermédio de Dédalo, em Hefesto, filho de Zeus. Porém no caso deles, a principiar por eles mesmos, trata-se de uma seqüência ininterrupta de reis que vão bater em Zeus. Uns reinaram em Argos e na Lacedemônia; os outros sempre reinaram na Pérsia e, muitas vezes, mesmo, como presente-

mente, na Ásia, ao passo que nós e nossos pais não
b passamos de simples particulares. Imagina só o ridí-
culo a que te exporias, se na frente de Artaxerxes,
filho de Xerxes, quisesses fazer praça de teus ante-
passados, de Salamina, pátria de Eurísecés, e de
Egina, pátria de Ajaz! Examina bem, se além de
inferiores quanto ao berço, não o somos também no
que diz respeito à educação. Nunca ouviste falar
na extensão das propriedades dos reis dos lacedemô-
nios, cujas esposas ficam sob a guarda pública
dos éforos, para evitar, na medida do possível, que
c venha a reinar alguém estranho à raça dos Herá-
clidas? E tão grande, nesse sentido, é a superiori-
dade do Rei dos persas, que nem se concebe a pos-
sibilidade de suspeitar alguém que algum monarca
possa ser filho de outro rei. Daí ser a melhor guarda
da rainha o próprio medo que ela inspira. Quando
nasce o primogênito, herdeiro presuntivo da coroa,
logo é festejado o acontecimento por todo o povo e
os próprios governantes; daí por diante, todos os
anos, no dia do aniversário do príncipe, a Ásia
inteira comemora a efeméride com festejos e sacri-
d fícios. Ao passo que quando eu e tu nascemos, Al-
cibíades, nem mesmo os vizinhos, como diz o poeta
cômico, o percebem. Desde o início, não fica o prín-
cipe real sob os cuidados de alguma ama sem prés-
timo, porém dos melhores eunucos do palácio, que
tomam conta do recém-nascido e se esforçam por
deixá-lo fisicamente o mais belo possível, endireitan-
do-lhe os membros e ajeitando-os, ofício esse que
lhes granjeia na corte alta consideração. Quando
e os príncipes atingem a idade de sete anos, dão-lhes
mestres de equitação e o iniciam na caça. Com duas
vezes sete anos, são entregues aos chamados precep-
tores reais, pessoas escolhidas entre os persas de
maior conceito e no vigor da idade, em número de
quatro: o mais sábio, o mais justo, o mais moderado
122 a e o mais valente. O primeiro o instrui no magismo
de Zoroastro, filho de Oromásio, que consiste no
culto dos deuses. Ensina-lhe também a arte de
reinar. O mais justo o ensina a dizer sempre a
verdade. O mais moderado o ensina a não se deixar
dominar por nenhum prazer, para que se habitue
a ser livre e rei, de fato, o que começa pelo domínio
das paixões, para delas não vir a ser escravo. O mais

corajoso o ensina a ser intrépido e isento de medo,
inculcando-lhe que temor é escravidão. Ao passo
b que tu, Alcibíades, Péricles instituiu como teu pre-
ceptor um dos seus escravos, Zópiro de Trácia, que
de tão velho se tornara imprestável. Poderia alon-
gar-me ainda em particularidades a respeito da cria-
ção de teus adversários e da maneira de educá-los;
porém seria cansativo; o que ficou dito basta para
ilustrar tudo o mais que se lhe segue. Quanto ao
teu nascimento, Alcibíades, e tua educação, bem
como a de qualquer outro ateniense, ninguém dá a
menor importância, por assim dizer, com exceção
de algum dos teus apaixonados. Mas se quiseres
considerar a riqueza, os divertimentos, as vestes lu-
c xuosamente enfeitadas, o uso de ungüentos perfu-
mados, o séquito numeroso de servidores e todos os
demais requintes da vida opulenta dos persas, fica-
rias envergonhado de ti mesmo, por perceberes quão
longe te encontras de alcançá-los.

XVIII — Do mesmo modo, se lançares as vistas
para a temperança dos lacedemônios, sua modéstia,
amenidade, brandura, magnanimidade, disciplina,
coragem, pertinácia, paixão do trabalho, amor da
glória e o gosto das distinções que lhes é próprio,
d haverias de considerar-te menino em confronto com
eles. Até mesmo com relação à riqueza, se imaginas
que nesse particular te sobressais, não interrompa-
mos nosso paralelo, para que possas adquirir cons-
ciência de quanto realmente vales. Se considerares
sob esse aspecto a fortuna dos lacedemônios, serás
obrigado a confessar que nós outros, em relação a
eles, ficamos muito atrás. Ninguém pode entre nós
competir com eles na extensão das propriedades e
fertilidade das terras, tanto no seu próprio país
como em Messênia; ou no número de escravos,
e principalmente hilotas, de cavalos e dos demais re-
banhos criados por eles nos pastos de Messênia.
Deixando, porém, tudo isso de lado, há mais ouro e
prata entre os lacedemônios do que entre os demais
helenos tomados em conjunto, pois desde muitas
gerações é o que para lá converge de todo o mundo
helênico e, por vezes mesmo, dos povos bárbaros;
porém de lá nunca sai nada. Como na fábula de
123 a Esopo, diz a raposa para o leão: estão bem visíveis
as marcas do dinheiro que entra na Lacedemônia,

porém não se vê nenhuma do dinheiro que sai, do que podemos inferir com segurança que, de todos os helenos, sejam os habitantes da Lacedemônia os mais ricos em ouro e prata, principalmente os reis, aos quais toca em partições freqüentes o lote mais opimo. Acrescentemos a isso o tributo, que não é pequeno, pago pelos lacedemônios. Todavia,
b com ser grande a riqueza dos lacedemônios, quando comparada com a dos demais helenos, é nada em confronto com a dos persas e do seu Rei. Contou-me pessoa fidedigna, conhecedora da corte do Rei, que atravessou um terreno fértil, da extensão de um dia de jornada mais ou menos, a que os moradores da região dão o nome de Cinto da rainha; há outro, ainda, denominado Véu, e outros mais, de primeira qualidade todos eles, reservados para os adornos da
c rainha, e que recebem denominação especificada, de acordo com os nomes de seus diferentes ornatos. Por isso ponho-me a pensar que se alguém fosse dizer à mãe do rei, Améstride, mulher de Xerxes: O filho de Dinômaque tenciona declarar guerra a teu filho, sendo que o guarda-roupa dela poderá valer cinqüenta minas, se tanto, enquanto o filho tem uma propriedade em Erquia de menos de trezentos pletros, ela, sem dúvida se perguntaria, admi-
d rada: Em que confia esse Alcibíades, para atrever-se a atacar Artaxerxes? e concluiria consigo mesma que ele só conta para essa aventura com sua diligência e sabedoria, as únicas coisas a que os helenos dão valor. E quando ela ouvisse dizer que o Alcibíades da idéia de semelhante empreendimento tem vinte anos incompletos, que é de todo falto de instrução, e que, além do mais, ao lhe dizer o seu admirador
e que antes de entrar em luta com o rei precisaria instruir-se, aperfeiçoar-se e exercitar-se, ele protestou, asseverando ser bastante para esse empreendimento o que já sabe, quero crer que ela se mostraria espantada e perguntaria: com que, então, conta esse adolescente? E se lhe disséssemos que ele conta com sua beleza, estatura, nascimento, riqueza e dotes do espírito, decerto, Alcibíades, ela nos tomaria por loucos, ao comparar todas essas vantagens com o que ela própria está habituada a ver no meio dos seus.
124 a E quero crer, ainda, que Lâmpido, filha de Leotíquides, mulher de Arquidamo e mãe de Ágis, que

foram todos reis, revelaria igual admiração, depois de confronto idêntico, ao saber que com toda a tua falta de preparo tencionavas entrar em luta com seu filho. Não achas que é humilhante ajuizarem a nosso respeito as mulheres de nossos adversários com mais acerto do que nós mesmos? Não, meu
b ditoso Alcibíades, deixa-te convencer por mim e pela inscrição de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo", porque os teus adversários são como eu te disse, não como os imaginas, e só pela indústria e pelo saber nos será possível sobrepujá-los. Se te descurares nesse sentido, terás de desistir de alcançar nome e fama entre os helenos e os povos bárbaros, que é o que parece desejar acima de tudo quanto possam desejar os homens.

XIX — *Alcibíades* — Não quererás dizer-me, Sócrates, em que será preciso que me esforce? Mais do que em tudo, há grande viso de verdade nisso que afirmaste.

c *Sócrates* — De muito bom grado; mas será preciso que investiguemos juntos o melhor modo de nos aperfeiçoarmos, porque tudo o que eu vier a dizer a respeito de educação não se aplica menos a mim do que a ti. Só numa coisa eu levo vantagem sobre ti.

Alcibíades — Qual será?

Sócrates — Meu tutor é melhor e mais sábio do que Péricles, que é o teu.

Alcibíades — Quem é ele, Sócrates?

Sócrates — Foi Deus, Alcibíades, que até este dia me impediu de conversar contigo; é a fé que tenho nele que me leva a asseverar-te que só por meu intermédio chegarás a conseguir a glória ambicionada.

d *Alcibíades* — Estás gracejando, Sócrates.

Sócrates — É possível; de qualquer forma, falo a verdade quando afirmo que todos os homens precisam esforçar-se, e nós dois, mais do que ninguém.

Alcibíades — No que me diz respeito, não te enganas.

Sócrates — Nem com relação a mim.

Alcibíades — Então, que será preciso fazer?

Sócrates — Não revelar nem hesitação nem tibieza, caro amigo.

Alcibíades — Isso mesmo, Sócrates.

Sócrates — Não é verdade? Porém raciocine-
e mos juntos. Dize-me, não é fato que desejamos aperfeiçoar-nos o mais possível? Ou não?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Em que virtude?

Alcibíades — Evidentemente, na que distingue os homens bons.

Sócrates — Bons em quê?

Alcibíades — Evidentemente, na gestão de seus negócios.

Sócrates — Que negócios? A equitação?

Alcibíades — Não, é claro.

Sócrates — Para isso recorreríamos ao tratador de cavalos.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Referes-te a negócios náuticos?

Alcibíades — Não.

Sócrates — A esse respeito, recorreríamos aos marinheiros.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Que negócios poderão ser? E quem os executa?

Alcibíades — Os negócios com que se ocupam os homens bons de Atenas.

125 a *Sócrates* — Dás o qualificativo de bom aos indivíduos sensatos ou aos insensatos?

Alcibíades — Aos sensatos.

Sócrates — E cada um de nós é bom naquilo em que é sensato?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E o insensato é ruim?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — O sapateiro, por exemplo, é sensato com relação à feitura de calçados?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — É bom, portanto, esse sapateiro?

Alcibíades — Bom.

Sócrates — E a respeito do preparo de roupas, é destituído de senso o sapateiro?

Alcibíades — É.

b *Sócrates* — Logo, nisso ele é ruim?

Alcibíades — É.

Sócrates — Desse modo, de acordo com o nosso raciocínio, o mesmo indivíduo vem a ser bom e mau?

Alcibíades — Parece.

XX — *Sócrates* — Mas dirias que os homens bons são ruins?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Então, a quem dás o nome de bom?

Alcibíades — Aos cidadãos capazes de governar.

Sócrates — Sim, governar; porém não cavalos.

Alcibíades — É claro.

Sócrates — Homens, então?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Homens doentes, porventura?

Alcibíades — Não!

Sócrates — Ou navegantes, quem sabe?

Alcibíades — Não me refiro também a esses.

Sócrates — Aos que trabalham na ceifa?

Alcibíades — Não.

c *Sócrates* — Aos que nada fazem, ou aos que fazem alguma coisa?

Alcibíades — Aos que fazem algo, é o que eu digo.

Sócrates — Que é o que fazem? Procura explicar-mo.

Alcibíades — Os que têm comércio entre si e se servem dos outros homens, no jeito em que vivemos nas cidades.

Sócrates — Referes-te, portanto, ao governo de homens que se servem de outros?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Por exemplo: o patrão dos remadores, quando marca o tempo de remar?

Alcibíades — Esses, não.

Sócrates — Isso é ofício do piloto.

Alcibíades — Sim.

d *Sócrates* — Referes-te, porventura ao governo dos tocadores de flauta, com a direção dos cantores e dos coreutas?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Isso faz parte do ofício do mestre do coro.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Então, o que quererás dizer com a expressão Ser capaz de servir-se de outros homens?

Alcibíades — Refiro-me aos que participam dos negócios públicos, e que têm comércio entre si. O governo nas cidades é isso.

XXI — *Sócrates* — Quais são as características desse ofício? Por exemplo, se eu tornasse a perguntar-te, como o fiz há pouco, qual é a arte que deixa os homens capazes de governar marinheiros em viagem?

Alcibíades — A arte do piloto.

e *Sócrates* — Os que participam do canto, a que há momentos nos referimos, que arte permite governá-los?

Alcibíades — A que há pouco mencionaste, a disciplina coral.

Sócrates — E os que participam da política, como denominaremos a arte de governá-los?

Alcibíades — Diria que é a arte de bem aconselhar, Sócrates.

Sócrates — Como assim? Achas que a arte do piloto consiste em aconselhar mal?

Alcibíades — de forma alguma.

Sócrates — Porém em bem aconselhar?

126 a *Alcibíades* — É o que eu penso, para segurança dos que viajam.

Sócrates — Muito bem. E o bom conselho a que te referiste, em que consiste?

Alcibíades — Na boa administração da cidade e na sua preservação.

Sócrates — E quais serão as coisas, cuja presença ou ausência condicionam a boa administração e a preservação da cidade? Suponhamos que eu te perguntasse: Quais são as coisas que, por presentes ou ausentes, regulam ou preservam o corpo? Dirias, decerto que são: a saúde, quando presente, e a doença, enquanto ausente. Não pensas desse modo?

b *Alcibíades* — Penso.

Sócrates — E se me perguntasses: Que é o que pela sua presença deixa os olhos em bom estado? Do mesmo modo, eu te diria que é a vista, quando presente, e a cegueira, quando ausente, e com relação aos ouvidos, diria que funcionam melhor se se conservam em boas condições com a ausência da surdez e a presença da audição.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — E com relação à cidade? Que é o que, presente ou ausente, a deixa em melhores condições e mais bem administrada?

c *Alcibíades* — Sou de parecer, Sócrates, que é quando reina amizade entre os cidadãos e se acham ausentes o ódio e as sedições.

Sócrates — O que entendes por amizade: concórdia ou desavença?

Alcibíades — Concórdia.

Sócrates — Qual é a arte que deixa concordes as cidades a respeito de números?

Alcibíades — É a aritmética.

Sócrates — E com relação aos particulares, não é também a aritmética?

Alcibíades — É.

Sócrates — E não é ainda por ela que cada um de nós fica de acordo consigo mesmo?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E por meio de que arte cada um
d fica de acordo consigo mesmo, sobre qual seja maior, o palmo ou o cúbito, não é a arte da medida?

Alcibíades — Que outra poderia ser?

Sócrates — Ela também é que estabelece o acordo a esse respeito entre os particulares e as cidades?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E com relação a pesos, não se passa a mesma coisa?

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — Então, em que consiste essa concórdia a que te referiste, acerca de que se manifesta, e qual é a ciência que a estabelece? Deve ser de tal natureza, que assim como faz com as cidades, faz com os indivíduos, quer seja cada um consigo mesmo, quer seja com todos entre si?

Alcibíades — É precisamente assim.

Sócrates — Então, de que natureza é essa concórdia? Não te enfades com minhas perguntas e
e responde de boamente.

Alcibíades — Sou de opinião que a amizade e a harmonia a que me referi devem ser como as que condicionam a concórdia existente entre o pai e a mãe afetuosos e seus filhos, o irmão e a irmã, a mulher e o marido.

XXII — *Sócrates* — Achas mesmo, Alcibíades, que o marido pode estar de acordo com a mulher sobre o modo de fiar lã, no que ela é perita e ele desconhece de todo?

Alcibíades — Não, decerto.

Sócrates — Nem há necessidade disso; trata-se de trabalho de mulher.

Alcibíades — É certo.

127 a *Sócrates* — E então? Poderá a mulher ficar de acordo com o marido a respeito de manobras da infantaria, coisa que ela nunca aprendeu?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Provavelmente, dirias que se trata de ocupação de homens.

Alcibíades — Isso mesmo.

Sócrates — De acordo, por conseguinte, com o que disseste, há conhecimentos próprios das mulheres, e outros pertinentes aos homens.

Alcibíades — Por que não?

Sócrates — A esse respeito, portanto, não há concórdia entre os homens e as mulheres.

Alcibíades — Não.

Sócrates — Nem amizade, se amizade for concórdia.

Alcibíades — Não, evidentemente.

Sócrates — Então, as mulheres não são amadas pelos homens, quando executam trabalhos que lhes são próprios.

b *Alcibíades* — É o que parece.

Sócrates — Nem os maridos pelas mulheres, quando estas executam os deles.

Alcibíades — Não.

Sócrates — Nem são bem administradas as cidades, quando cada um faz o que lhe compete.

Alcibíades — Isso não, Sócrates! Acho que são.

Sócrates — Como! Sem estar presente a amizade, cuja presença reconhecemos ser necessária para sua boa administração, o que de outra forma não seria possível?

Alcibíades — Eu diria, porém, que a amizade
c está presente sempre que cada um faz o que lhe compete.

Sócrates — Não foi isso que disseste há pouco. E que afirmas agora? Que pode haver amizade, se não houver concórdia? Ou que pode haver concórdia a respeito do que alguns sabem e outros ignoram?

Alcibíades — Isso é impossível.

Sócrates — E quando cada um faz o que lhe compete, procede com justiça ou injustamente?

Alcibíades — Com justiça, como não?

Sócrates — Sendo assim, quando os cidadãos se comportam com justiça na cidade, não há amizade entre êles?

Alcibíades — Necessariamente deve haver, Sócrates; é o que eu penso.

d *Sócrates* — O que vêm a ser, então, essa amizade e essa concórdia a que te referiste, que terão de deixar-nos sábios e discretos, para que nos tornemos homens bons? Não consigo saber em que consistem nem com quem se encontram. Segundo os teus próprios dizeres, ora se me afiguram presentes numas pessoas, ora ausentes.

XXIII — *Alcibíades* — Pelos deuses, Sócrates, já não sei o que falo. É bem possível que eu esteja há muito tempo nesse estado de ignorância, sem aperceber-me disso.

Sócrates — É preciso ter confiança. Se aos cinqüenta anos tivesses percebido essa deficiência,
e difícil te seria tomar qualquer medida para remediá-la. Mas estás agora precisamente na idade em que cumpre percebê-la.

Alcibíades — E os que a percebem, Sócrates, que deverão fazer?

Sócrates — Responder ao que te pergunto, Alcibíades. Se assim procederes e o deus o permitir — até onde posso confiar no meu oráculo — tu e eu só teremos a lucrar.

Alcibíades — Nada mais fácil de alcançarmos isso, no que depender apenas de eu responder.

Sócrates — Então responde: que significa a expressão Cuidar de si mesmo? Pois pode muito
128 a bem dar-se que não estejamos cuidando de nós, quando imaginamos fazê-lo. Quando é que o homem cuida de si, mesmo? Ao cuidar de seus negócios, cuidará de si mesmo?

Alcibíades — Parece que sim.

Sócrates — E então? Quando cuida alguém dos pés? É quando cuida do que é pertinente aos pés?

Alcibíades — Não compreendi.

Sócrates — Não há coisas que só se referem às mãos? O anel, por exemplo, com que outra parte do corpo se relaciona, a não ser com o dedo?

Alcibíades — Com nenhuma.

Sócrates — E o calçado, não se acha em idênticas relações com os pés?

b *Alcibíades* — Perfeitamente.

Sócrates — E do mesmo modo as vestes e as cobertas, com outras partes do corpo?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Assim, quando cuidamos dos calçados, cuidamos igualmente dos pés?

Alcibíades — Não apanho bem o que disseste, Sócrates.

Sócrates — Como assim, Alcibíades? Não reconheces que cuidar de alguma coisa é fazer algo a seu respeito?

Alcibíades — Decerto.

Sócrates — E sempre que o tratamento deixar essa coisa melhor do que era antes, não dizes que ela foi bem cuidada?

Alcibíades — Digo.

Sócrates — Qual é a arte que deixa melhores os calçados?

Alcibíades — A arte do sapateiro.

Sócrates — Assim, é por meio da arte do sapateiro que cuidamos dos nossos sapatos?

c *Alcibíades* — Isso mesmo.

Sócrates — E é a arte do sapateiro que cuida dos pés? Ou será a que deixa melhores os pés?

Alcibíades — Esta última, sem dúvida.

Sócrates — E a arte que deixa os pés em melhores condições faz o mesmo com as demais partes do corpo?

Alcibíades — Parece que sim.

Sócrates — Chama-se ginástica, pois não?

Alcibíades — Exatamente.

Sócrates — A ginástica, portanto, cuida dos pés, e a arte do sapateiro, daquilo que pertence aos pés.

d *Alcibíades* — É isso mesmo.

Sócrates — E a ginástica, não cuida também das mãos, enquanto a arte de fabricar anéis cuida do que pertence às mãos?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E não cuida a ginástica do corpo, ao passo que a arte de tecer, do que pertence ao corpo?

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — Logo, a arte por meio da qual cuidamos de uma determinada coisa é diferente da que se ocupa com o que pertence a essa coisa?

Alcibíades — Parece.

Sócrates — Sendo assim, não cuidas de ti mesmo, quando cuidas de algo que te pertence.

Alcibíades — Não, de fato.

Sócrates — Pois, ao que parece, a arte que se ocupa conosco não é a mesma que se ocupa com o que nos pertence.

Alcibíades — É claro que não.

XXIV — *Sócrates* — Agora dize-me: por meio de que arte poderemos cuidar daquilo que nos diz respeito?

Alcibíades — Não saberei dizê-lo.

e *Sócrates* — Num ponto, pelo menos, já ficamos de acordo: que não é a arte por meio da qual deixamos melhor qualquer coisa que nos pertença, mas a que nos deixa melhores a nós mesmos.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Poderíamos saber que arte deixa melhores os calçados, se não soubéssemos o que é calçado?

Alcibíades — Impossível.

Sócrates — Nem a que deixa melhores os anéis, se não conhecêssemos anel.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E então? Poderíamos conhecer a arte que nos deixa melhores, se não soubéssemos o que somos?

129 a *Alcibíades* — Impossível.

Sócrates — Será porventura fácil conhecer-se a si mesmo — devendo ser considerado como de poucos cabedais o autor daquela sentença do templo de Pito — ou, pelo contrário, tarefa por demais difícil, que só está ao alcance de pouca gente?

Alcibíades — Por vezes, Sócrates, quer parecer-me que está ao alcance de qualquer pessoa; de outras vezes afigura-se-me por demais difícil.

Sócrates — Quer seja coisa fácil, quer difícil, Alcibíades, o que é certo é que, conhecendo-nos, ficaremos em condições de saber como cuidar de nós mesmos, o que não poderemos saber se nos desconhecermos.

Alcibíades — É muito certo.

b *Sócrates* — Então dize-me: de que modo será possível descobrir a essência íntima do ser? Com esse conhecimento saberíamos o que somos, o que sem ele não nos será possível.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — Escuta, por Zeus! Com quem conversas neste momento? não é comigo?

Alcibíades — É.

Sócrates — É Sócrates quem fala?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E Alcibíades escuta?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — E para conversar, Sócrates se vale da palavra?

c *Alcibíades* — É evidente.

Sócrates — Logo, consideras a mesma coisa conversar e fazer uso da palavra?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Não difere o que usa alguma coisa da coisa por ele usada?

Alcibíades — Que queres dizer com isso?

Sócrates — O sapateiro trabalha o couro com trinchete, sovela e outros instrumentos.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — São, portanto, distintos a pessoa que corta e o instrumento que serve para cortar?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — E não se dá o mesmo com o instrumento do citaredo e o próprio citaredo?

Alcibíades — Sim.

d *Sócrates* — Pois foi isso que eu perguntei há pouco, se não consideras diferentes a pessoa que usa uma coisa e a coisa por ele usada.

Alcibíades — Considero.

Sócrates — E que diremos do sapateiro: ele corta o couro só com seus instrumentos ou também com as mãos?

Alcibíades — Com as mãos, também.

Sócrates — Ele usa, portanto, as mãos?

Alcibíades — Usa.

Sócrates — E não usa também os olhos para cortar?

Alcibíades — Também.

Sócrates — E já não assentamos que há diferença entre a pessoa que usa uma coisa e a coisa por ela usada?

Alcibíades — Assentamos.

Sócrates — Logo, o sapateiro e o citaredo dife-
e rem das mãos e dos olhos de que se servem.

Alcibíades — Parece que sim.

XXV — *Sócrates* — E não usa o homem todo o seu corpo?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Por conseguinte, uma coisa é o homem, e outra o seu próprio corpo.

Alcibíades — Parece que sim.

Sócrates — Que é, então, o homem?

Alcibíades — Não sei o que diga.

Sócrates — Pelo menos sabes que é o que se serve do corpo.

Alcibíades — Sei.

130 a *Sócrates* — E o que mais pode servir-se do corpo, se não for a alma?

Alcibíades — Nada.

Sócrates — E a alma, comanda?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Há outra proposição, ainda, sobre a qual não pode haver divergência.

Alcibíades — Qual é?

Sócrates — Que o homem só pode ser uma de três coisas.

Alcibíades — Quais são?

Sócrates — Alma, corpo, ou ambos num só todo.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — E não acabamos de concordar que o que comanda o corpo é o homem?

b *Alcibíades* — Acabamos.

Sócrates — Será o corpo que dá ordens a si mesmo?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Dissemos que ele é governado.

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Então, o que procuramos não é o corpo.

Alcibíades — Parece que não.

Sócrates — Será, porventura, o conjunto dos dois que governa o corpo, e que viria a ser o homem?

Alcibíades — Pode ser que sim.

Sócrates — De jeito nenhum! Se uma das partes não governa outra, não há possibilidade de vir a fazê-lo a reunião das duas.

Alcibíades — É muito certo.

c *Sócrates* — Sendo assim, uma vez que o homem não é nem o corpo, nem o conjunto dos dois, só resta, quero crer, ou aceitar que o homem é nada, ou, no caso de ser alguma coisa, terá de ser forçosamente alma.

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — Haverá necessidade de demonstrar por maneira mais clara que o homem é alma?

Alcibíades — Não, por Zeus; a argumentação me parece suficiente.

Sócrates — Mesmo que não seja exata, sendo suficiente, é quanto nos basta. Maior precisão alcançaremos quando houvermos encontrado o que

d deixamos provisoriamente de lado, para não sobrecarregar a investigação.

Alcibíades — De que se trata?

Sócrates — O de que falamos há pouco, que primeiro precisaremos procurar saber o que seja o ser em si. Mas em vez do ser em si mesmo, procuramos a natureza de cada ser em particular, o que talvez seja o bastante, pois decerto é a alma a parte mais importante de nós mesmos.

Alcibíades — É fato.

Sócrates — Devemos admitir, portanto, que quando conversamos a sós, eu e tu, e trocamos idéias, são duas almas que conversam?

Alcibíades — Perfeitamente.

e *Sócrates* — Foi justamente isso que dissemos há pouco: quando Sócrates conversa com Alcibíades e troca idéias com ele, não é a teu rosto, por assim dizer, que ele se dirige, mas ao Alcibíades real, que é, antes de tudo, alma.

Alcibíades — É certo.

XXVI — *Sócrates* — É a alma, portanto, que nos recomenda conhecer quem nos apresenta o preceito: Conhece-te a ti mesmo.

131 a *Alcibíades* — Parece.

Sócrates — Por isso, quem conhece alguma parte do próprio corpo, só conhece algo de si mesmo, porém não se conhece.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Ninguém, portanto, como médico, conhece a si mesmo, como não se conhece o pedótriba, enquanto professor de ginástica.

Alcibíades — É isso mesmo.

Sócrates — Muito mais longe, ainda, de conhecerem-se estão os lavradores e os demais artífices; se desconhecem até mesmo o que se relaciona com as respectivas profissões, mais distanciados se encon-

b tram de se conhecerem. Só têm conhecimento do que se refere ao tratamento do corpo.

Alcibíades — Falas com acerto.

Sócrates — Ora, se a sabedoria consiste em conhecer-se a si mesmo, nenhum dos mencioados é sábio por efeito da própria profissão.

Alcibíades — Não é, de fato.

Sócrates — Essa, a razão de serem consideradas vulgares as mencionadas profissões, e impróprias de homens de prol.

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — Novamente: quem cuida do corpo, não cuida de si mesmo, mas apenas do que lhe pertence.

c *Alcibíades* — É o que parece.

Sócrates — Porém o que cuida de sua fortuna, nem cuida de si mesmo, nem do que lhe pertence; encontra-se mais afastado, ainda, do que lhe diz respeito.

Alcibíades — É também o que eu penso.

Sócrates — Sendo assim, o banqueiro não cuida do que lhe diz respeito.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Logo, se alguém se mostra apaixonado do corpo de Alcibíades, não é Alcibíades que ele ama, porém algo que pertence a Alcibíades.

Alcibíades — Dizes a verdade.

Sócrates — Só te ama quem amar tua alma.

Alcibíades — É o que necessariamente se conclui de toda a tua exposição.

Sócrates — Não é certeza vir a afastar-se de ti o amante de teu corpo, quando emurchecer a flor da mocidade?

Alcibíades — É muito provável.

d *Sócrates* — Mas o que ama tua alma não te abandonará enquanto ela aspirar a aperfeiçoar-se?

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Ora bem: eu sou o que não te abandono, porém continuarei ao teu lado, quando todos se afastarem de ti, depois de vir a perder o viço a mocidade.

Alcibíades — Fazes bem, Sócrates; espero que não me abandones.

Sócrates — Então, esforça-te para te tornares cada vez mais belo.

Alcibíades — Hei-de esforçar-me.

c XXVII — *Sócrates* — No que te diz respeito, o fato é que nunca existiu, ao que parece, senão um único apaixonado de Alcibíades, filho de Clínias, que é o seu muito amado Sócrates, filho de Sofronisco e de Fenarete.

Alcibíades — É verdade.

Sócrates — Não declaraste que se eu não te houvesse antecipado, tu tencionavas falar-me para me perguntar o motivo de ter sido eu o único a não abandonar-te?

Alcibíades — Declarei, realmente.

Sócrates — E a razão disso é que eu era o único apaixonado de ti mesmo, enquanto os demais amavam apenas o que te pertence. Ora, o que te pertence emurchece, ao passo que tu, propriamente

132 a dito, te encontras no início da floração. Assim, se não te deixares corromper pelo povo de Atenas, nem vieres a degenerar, jamais te abandonarei. O que eu receio acima de tudo é que, tornando-te apaixonado do nosso povo, venhamos a perder-te. Foi o que já aconteceu com muitos atenienses de nobre estirpe. Pois é de mui bela aparência a

gente do herói Erecteu, de alma grande.

É preciso vê-la sem roupa. Importa, pois, que te precates, de acordo com as minhas advertências.

Alcibíades — Quais?

b *Sócrates* — Exercita-te primeiro, caro amigo, e aprende o que é preciso conhecer para te iniciares na política; antes, não. Munido, desse modo, do contraveneno adequado, nada prejudicial te poderá acontecer.

Alcibíades — Acho muito razoável o que me dizes, Sócrates. Porém desejo que me expliques de que maneira podemos cuidar de nós mesmos.

Sócrates — É possível que nesse domínio já tenhamos adiantado alguma coisa. Pelo menos, já quase chegamos a um acordo, com relação ao que somos, não havendo, pois, perigo de, em vez de nos ocuparmos conosco, cuidarmos do que não seja nós mesmos.

Alcibíades — É certo.

c *Sócrates* — De seguida, assentamos que é da alma que precisamos cuidar e para que devemos volver as vistas.

Alcibíades — É claro.

Sócrates — Os cuidados com o corpo e com as riquezas devem ser confiados a outras pessoas.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Porém de que modo alcançaremos o conhecimento perfeito da alma? Sabido isso, ao que parece, conhecer-nos-emos a nós mesmos. Mas, pelos deuses, será que penetramos, de fato, no sentido profundo do excelente preceito de Delfos a que há momentos nos referimos?

Alcibíades — Que queres dizer com isso, Sócrates?

d *Sócrates* — Vou explicar-te o que eu presumo seja o significado desse preceito e o conselho nele implícito. O difícil é encontrar um termo de comparação; parece que só a vista servirá para nosso intento.

Alcibíades — Como assim?

XXVIII — *Sócrates* — Raciocina comigo. Se nos dirigíssemos aos olhos, como se se tratasse de pessoas, e lhes apresentássemos o preceito. Conhece-te a ti mesmo, de que modo compreenderíamos o conselho? Não seria no sentido de levar os olhos a dirigir-se para algum objeto em que eles pudessem ver a si próprios?

Alcibíades — É claro.

e *Sócrates* — E qual é o objeto em que nos vemos, quando o contemplamos?

Alcibíades — O espelho, Sócrates.

Sócrates — Acertaste. Porém nos olhos com que vemos, não se encontra algo do mesmo estilo?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Como já deves ter observado, o rosto de quem olha para os olhos de alguém que

133 a se lhe defronte, reflete-se no que denominamos pupila, como num espelho a imagem da pessoa que olha.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Assim, quando um olho olha para outro e se fixa na porção mais excelente deste, justamente aquela que vê, ele vê-se a si mesmo?

Alcibíades — É evidente.

Sócrates — Porém não verá a si mesmo, se olhar para qualquer outra parte do homem, ou para onde quer que seja, menos para o que se lhe assemelha.

b *Alcibíades* — É certo.

Sócrates — Logo, se o olho quiser ver a si mesmo, precisará contemplar outro olho e, neste, a porção exata em que reside a virtude do olho, que é propriamente a visão.

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E com relação à alma, meu caro Alcibíades, se ela quiser conhecer-se a si mesma, não precisará também olhar para a alma e, nesta, a porção em que reside a sua virtude específica, a inteligência, ou para o que lhe for semelhante?

Alcibíades — Parece-me que sim, Sócrates.

c *Sócrates* — Haverá, porventura, na alma alguma parte mais divina do que a que se relaciona com o conhecimento e a reflexão?

Alcibíades — Não há.

Sócrates — É a parte da alma que mais se assemelha ao divino; quem a contemplar e estiver em condições de perceber o que nela há de divino, Deus e o pensamento, com muita probabilidade ficará conhecendo a si mesmo.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Sem dúvida, porque os verdadeiros espelhos são mais claros do que o espelho dos olhos, mais puros e mais brilhantes; do mesmo modo, a divindade da melhor parte de nossa alma é mais pura e mais luminosa.

Alcibíades — É o que parece, Sócrates.

Sócrates — Olhando, portanto, para essa divindade, e usando-a à guisa do melhor espelho das coisas humanas para a conhecimento da virtude da alma, é a maneira mais acertada de nos vermos e reconhecermos a nós mesmos.

Alcibíades — É certo.

XXIX — *Sócrates* — Mas, se carecermos desse conhecimento de nós mesmos e dessa sabedoria, poderemos conhecer o que nos diz respeito, tanto de bem como de mal?

Alcibíades — Como fora possível, Sócrates?

d *Sócrates* — Parece-te, portanto, impossível que possa alguém que não conheça Alcibíades saber se o que é de Alcibíades é realmente dele.

Alcibíades — Fora de todo impossível, por Zeus!

Sócrates — Nem saber se o que é nosso é nosso mesmo, no caso de não nos conhecermos.

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Ora, se não conhecemos o que é nosso, não conheceremos, de igual modo, o que se lhe relaciona.

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — Sendo assim, há pouco não concluímos com acerto, quando admitimos que uma pessoa pode conhecer as coisas que lhe dizem respeito sem conhecer a si própria, enquanto outras conhecem o que se relaciona com essas coisas. Todos
e esses conhecimentos parecem ser privilégio de uma só pessoa e de uma única arte, relativamente à própria pessoa, suas coisas e as coisas que dependem destas.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Quem ignora, portanto, as coisas que lhe dizem respeito, não há de conhecer, também, as dos outros.

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — E se não conhece as dos outros, não conhecerá também as da cidade.

Alcibíades — Necessariamente.

Sócrates — Um homem, nessas condições, nunca poderá exercer a política.

Alcibíades — Não, evidentemente.

Sócrates — Nem poderá ser bom economista.

134 a *Alcibíades* — Não, sem dúvida.

Sócrates — E não sabendo o que faz, decerto cometerá erros?

Alcibíades — Seguramente.

Sócrates — E cometendo erros, não se comportará pessimamente, tanto na vida particular como na pública?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — E conduzindo-se desse modo, não será infeliz?

Alcibíades — Muito!

Sócrates — E as pessoas no interesse das quais ele age?

Alcibíades — Também o serão.

Sócrates — Logo, ninguém poderá ser feliz, se não for sábio e bom.

b *Alcibíades* — É certo.

Sócrates — Donde se colhe que os maus são infelizes.

Alcibíades — Muitíssimo.

XXX — *Sócrates* — Sendo assim, não é ficando rico que evitamos a infelicidade, porém tornando-nos sábios.

Alcibíades — Evidentemente.

Sócrates — As cidades, portanto, para serem felizes, não necessitam nem de muros, nem de trirremes, nem de estaleiros, Alcibíades, nem de população e tamanho, mas de virtude.

Alcibíades — É fato.

Sócrates — Se quiseres, por conseguinte, administrar os negócios da cidade com retidão e nobreza,
c terás de dar virtude aos cidadãos.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E poderá alguém dar o que não tem?

Alcibíades — Como fora possível?

Sócrates — Então, primeiro precisarás adquirir virtude, tu ou quem quer que se disponha a governar ou a administrar não só a sua pessoa e seus interesses particulares, como a cidade e as coisas a ela pertinentes.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — Assim, o que precisas alcançar não é o poder absoluto para fazeres o que bem entenderes contigo ou com a cidade, porém justiça e sabedoria.

Alcibíades — É muito certo.

d *Sócrates* — Se tu e a cidade procederdes com sabedoria e justiça, fareis obra grata à divindade.

Alcibíades — Certamente.

Sócrates — E como dissemos antes, como norma de ação deveis ter sempre em mira o esplendor divino.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — Tendo-o, desse modo, diante dos olhos, haveis de ver-vos e conhecer a vós mesmos e vosso próprio bem.

Alcibíades — É certo.

Sócrates — E desse modo procedereis bem e com acerto?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Estou pronto a dar-me como penhor em como, assim procedendo, sereis felizes.

Alcibíades — Penhor valiosíssimo.

Sócrates — E ao contrário: se viverdes com injustiça, com a mira na escuridão sem Deus, vossas ações serão consemelhantes, por vos desconhecerdes a vós mesmos.

Alcibíades — É evidente.

Sócrates — Porque, seja quem for, meu caro Alcibíades, que tenha a possibilidade de fazer o que bem lhe aprouver, se carecer de entendimento, quais serão provavelmente as conseqüências para o indivíduo ou para a cidade? Por exemplo: no caso de um doente que pudesse fazer o que bem entendesse, porém não tivesse cabeça de médico e procedesse
135 a como tirano sem ninguém ao seu lado para advertí-lo, que aconteceria? Não é muito provável que acabaria por arruinar sua constituição?

Alcibíades — Sem dúvida nenhuma.

Sócrates — E num navio, se algum passageiro tivesse liberdade de proceder a seu bel-prazer, mas sem ser dotado nem da inteligência do piloto nem de sua experiência, já pensaste no que lhe poderia acontecer e aos seus companheiros de viagem?

Alcibíades — É mais do que certo que todos viriam a perder-se.

Sócrates — Do mesmo modo, em qualquer ci-
b dade, ou onde quer que haja autoridade e poder absoluto carecentes de virtude, os resultados não serão maiores?

Alcibíades — Fatalmente.

XXXI — *Sócrates* — Sendo assim, meu precioso Alcibíades, não é a tirania o desejável, nem para ti, nem para a cidade, se almejais ser felizes, porém a virtude.

Alcibíades — Tens razão.

Sócrates — Antes de haver adquirido essa virtude, não é melhor, tanto para a criança como para o homem feito, ser dirigido por superiores, em vez de governar?

Alcibíades — É muito certo.

Sócrates — E o melhor não é também mais bonito?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E o mais bonito não é mais conveniente?

c *Alcibíades* — Como não?

Sócrates — Logo, ao homem inferior, convém servir, por ser isso melhor?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — A escravidão é vício.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E a condição livre, virtude?

Alcibíades — Sim.

Sócrates — Então, amigo, é preciso fugir da condição servil.

Alcibíades — Mais do que tudo, Sócrates.

Sócrates — Adquiriste agora consciência de teu estado? Consideras-te verdadeiramente livre, ou não?

Alcibíades — Penso ter perfeita consciência do que sou.

Sócrates — Nesse caso, sabes como libertar-te do presente estado de coisas, que me abstenho de definir, em homenagem à tua formosura.

d *Alcibíades* — Sei.

Sócrates — Como é?

Alcibíades — Libertar-me-ei se o quiseres, Sócrates.

Sócrates — Não te expressaste corretamente, Alcibíades.

Alcibíades — Como deverei dizer?

Sócrates — Assim: se Deus quiser.

Alcibíades — Pois que seja; falarei desse modo, com o acréscimo, Sócrates, de que corremos o perigo de trocar os papéis: tu ficarás com o meu e eu ficarei com o teu. A partir de hoje, não haverá possibilidade de evitarmos que eu me torne teu preceptor, e tu passes a ser dirigido por mim.

e *Sócrates* — Ó generoso Alcibíades! Nesse caso, em nada difere da cegonha o meu amor: depois

de ter sido criado no teu ninho um amor alado, passa este, por sua vez, a tomar conta dele.

Alcibíades — Será assim mesmo; a partir de agora, passarei a meditar sobre a justiça.

Sócrates — Faço votos para que perseveres nesse intento; contudo, tenho meus receios, não por descrer de tua natureza; é que, considerando a força de nosso povo, temo que eu e tu venhamos a ser dominados por ela.